

Depoente: Jafete Abrahão

ENTREVISTADOR: Caroline Cunha Rodrigues, Marina Mesquita Camisasca e Maria Aparecida Rodrigues de Miranda.

Data: 21 de julho de 2017

ENTREVISTADOR: Depoimento gravado no dia 21 de julho de 2017, com JAFETE ABRAHÃO, na PRODEMGE, em Belo Horizonte, Minas Gerais, para a Comissão da Verdade de Minas Gerais. Entrevistadoras Caroline Cunha Rodrigues, Marina Camisasca e Maria Aparecida Rodrigues de Miranda. Com a presença também do sub-secretário de defesa e promoção de direitos humanos, José Francisco da Silva.

JAFETE ABRAHÃO: Bem, meu nome é JAFETE ABRAHÃO. Eu nasci há muitos anos atrás, tem muito tempo mesmo, 03 de março de 1939, em Uberlândia. O 11º filho de uma família de 11, ou seja, eu sou o caçula. E desses 11 restam somente três. Vim para Belo Horizonte em 1960. Essa época, para vir de Uberlândia para Belo Horizonte se demorava praticamente 2 dias. Não tinha ligação nenhuma. As estradas eram péssima. Tanto é que nessa época, Uberlândia e todo o Triângulo Mineiro era... Tinha uma vocação mais paulista. Então eu vim para Belo Horizonte, fiz vestibular para o curso de economia. Passei, formei em economia. Comecei o curso em 61. Formei em 1964. No período, no ano do início da Ditadura em 64, quase que eu não formo. Eu fui preso em 31 de março. Entre 31 de março e 1º de abril, era meia noite e pouco, já era 1º de abril. Eu tinha sido eleito em 1963, em outubro de 63, eu fui eleito presidente do DA, Diretório Acadêmico da Faculdade de Ciências Econômicas, que na época era a escola que tinha uma maior liderança política no Brasil, em termos de entendimento da política. Tinha um curso de sociologia que puxava o pessoal da economia e da administração. Nesses curso de sociologia, tinha o Betinho, o Juarez, Juarez... Esqueci o sobrenome dele. Vários, Teodoro Lamounier

ENTREVISTADOR: Juarez Guimarães, não, né?

JAFETE ABRAHÃO: Juarez Guimarães, é.

ENTREVISTADOR: Ciência política hoje da...

JAFETE ABRAHÃO: O Juarez Guimarães. É, o Teotônio, foi até candidato a Governador, Teotônio... Esqueci o sobrenome.

ENTREVISTADOR: Vilela?

JAFETE ABRAHÃO: Teotônio Vilela, não, era aquele que saiu lá do Nordeste. É Teotônio... Isso é só uma... Ela... Então esse pessoal. O Vinícius Caldeira Brant, o Paulo Haddad, esse já era de economia. Então a gente, essa faculdade tinha uma excelente sensibilidade para os problemas sociais. A gente debatia muito. E eu fui eleito presidente do DA. Eu já tinha alguma história antes, porque Uberlândia eu fundei a União dos Estudantes Secundários de Uberlândia, então eu sempre fui um agitador. Me designava como um agitador social. Formado em economia, eu fiz um pós-graduação da Cepal. Comecei minha vida profissional depois de ter dado... A função pública, eu passei a trabalhar... Fundamos uma pequena empresa que cresceu e essa empresa transformou, assim, em um negócio, um objeto importantíssimo, porque a gente conseguiu através dela, com os recursos que ela obtinha de negociações, tal, de venda, comércio, né? Ela, nós ajudamos a manter muitas pessoas que tinham sido demitidas dos empregos, né, não tinha lugar para trabalhar. Nós criamos, nós criamos uma empresa chamada, na época chamava Seplan, Asseplan. Nela participaram o Paulo Rogedo, Virgílio Guimarães, Jorge Pousada. Essa era uma empresa de planejamento urbano. Deu emprego para muita gente. E aqueles que não podiam ficar, que tinham que sair, a gente ajudava a bancar a viagem deles para o exterior. Quando o Professor Edgar foi demitido, Edgar da Mata Machado foi demitido da PUC, da Universidade, nós criamos uma empresa, uma editora. Essa editora, nós colocamos o Professor Edgar como presidente. Lá para frente eu vou lembrar o nome dela.

ENTREVISTADOR: CP2.

JAFETE ABRAHÃO: Hein? Não. Ela era ali na... Quase com esquina com a João Pinheiro.

ENTREVISTADOR: Guajajaras?

JAFETE ABRAHÃO: É, Guajajaras, como é que você falou o nome?

ENTREVISTADOR: CP2.

JAFETE ABRAHÃO: Não.

ENTREVISTADOR: Não. Guajajaras, quase... Debaixo do Edifício Solar.

JAFETE ABRAHÃO: É, debaixo do Edifício Solar.

ENTREVISTADOR: Eu lembro exatamente.

JAFETE ABRAHÃO: Então essa foi uma... A gente criou... O fundamento dela era arrumar alguma coisa para o Professor Edgar. Então a gente conseguiu criar essa editora, o Edgar foi presidente. Conseguimos até transformá-la em uma empresa mesmo, de fato e tal. Produzindo livro, comercializando. A partir daí, eu saí dessa empresa.

Acabou perdendo, nós perdemos o controle, a empresa nossa cresceu demais. A gente acabou tendo que passar o controle para outras pessoas, para outras empresas. E aí eu fui para... Me transformei em gestor público, isso em 77... Em 77. Eu comecei a trabalhar em uma subsidiária da Vale, depois fui para a Acesita. Trabalhei muitos anos na Florestal Acesita e tenho belas histórias da Florestal Acesita, porque era uma latifundiária de todo tamanho. Mas em um período lá a gente fez um belo trabalho, apesar de... Do ponto de vista, assim, mais... Mais radical. Ela tinha latifúndios, plantava eucalipto, tal, em grandes áreas. Mas aí, a gente conseguiu gerar no Jequitinhonha uma quantidade enorme de emprego. Emprego registrado com assistência saúde... Nessa época as empresas estavam todas mecanizando produção de carvão e nós, não, continuamos com... Não usávamos motosserras, usávamos machado, que estava dentro da tradição cultural do pessoal do Jequitinhonha. Então nós chegamos a ter lá no Jequitinhonha, nós tínhamos 3 escritórios, chegamos a ter 7.000 empregados registrados.

ENTREVISTADOR: Tudo na plantação de eucalipto?

JAFETE ABRAHÃO: É, tudo na plantação de eucalipto. Era para abastecer a usina de, da Acesita que era em Timóteo. Ou seja, apesar da questão no fundo ter essa questão da concentração de terra, isso, inclusive, eu tive que arrumar uma maneira para eu me justificar, porque eu sempre fui contra o latifúndio, né, se bem que lá não era um latifúndio improdutivo, né. Era um latifúndio com dimensão.

ENTREVISTADOR: E era mais ou menos, era como se fosse uma... Uma... Empresas apoiadas pelo Estado, né?

JAFETE ABRAHÃO: A Acesita era do Banco do Brasil.

ENTREVISTADOR: Era quase estatal, né. Pois é, era quase estatal.

JAFETE ABRAHÃO: Quase estatal.

ENTREVISTADOR: Então?

JAFETE ABRAHÃO: Ela cumpriu o papel de uma empresa estatal, porque ela era, era do Banco do Brasil. O Banco do Brasil ficou com a Acesita em decorrência de dívida. Assumiu a Acesita. O Marcelo Guimarães, eu não sei se vocês chegaram a conhecer, um cara, assim...

ENTREVISTADOR: Um grande pesquisador, né.

JAFETE ABRAHÃO: Grande, um cara, assim, de uma visão social. Nós enfrentamos muito problema com essa ideia de não ter, de não mecanizar a produção. Que a gente percebia que a questão do Jequitinhonha era questão de emprego. Né? A produção cara, e as pessoas, as pessoas... Eu tenho um livreto que eu fiz sobre a Florestal no Vale do

Jequitinhonha. E tem as histórias dos municípios, tal e fui fazendo uma análise comparativa do quê que era, do quê que foi passando, o quê que, como é que a Acesita entrou. Nós tínhamos lá um sistema de assistência médica, né, nós tínhamos, em cada cidade, nós tínhamos um hospital. Em, em uma cidade lá, que eu esqueci o nome, depois eu lembro, também não interessa. Tinha um hospital central. Atendimento de... Porque na cidade não dava conta, vinha para esse hospital. E se nesse hospital não tinha condição, vinha para Belo Horizonte. Nós criamos aquela ideia que tinha na China, nós colocamos, que aquela do médico de pé descalço. Nós demos treinamento para pessoas que tinham vocação para dar o primeiro atendimento na localidade. Então se ele percebesse que era um problema... Então a gente mexia com problema de água, de higiene, de higiene interna, da família, tal. Tratamento de vermes, esses troços todos. Passada essa etapa, o problema era mais grave, ia para o hospital municipal. Era mais grave, vinha para o hospital em Itamarandiba. Era um grande hospital. Se fosse mais complicado ainda, nós tínhamos ambulância que trazia o pessoal para Belo Horizonte.

ENTREVISTADOR: Isso era quando?

JAFETE ABRAHÃO: Hein?

ENTREVISTADOR: Isso era quando?

JAFETE ABRAHÃO: 77 a 93. 92.

ENTREVISTADOR: E qual o nome do livro? Se ainda o tem...

JAFETE ABRAHÃO: Eu não sei se eu tenho uma cópia lá em casa, devo ter. Vocês conhecem o Dimas Furtado, não conhecem? Não. Foi uma figura interessante também. Daqui a pouco eu lembro. Esse troço é tão antigo.

ENTREVISTADOR: Não tem problema.

JAFETE ABRAHÃO: Que eu escrevi em mil novecentos... Mil novecentos e... 1992. E o bom desse livro que ele serviu de citação com uma tese de doutorado lá na Federal. Eu tenho que lembrar o nome.

ENTREVISTADOR: E a Ruralminas? A sua atuação na Ruralminas?

JAFETE ABRAHÃO: Pois é. Então eu fiquei na Acesita até 2003, mas eu saía da Acesita para ir para...

ENTREVISTADOR: Outros órgãos.

JAFETE ABRAHÃO: Para outras empresas públicas. Então em 1983, 82. É, 1982, Tancredo foi candidato. Era a primeira eleição...

ENTREVISTADOR: Direta.

JAFETE ABRAHÃO: Direta.

ENTREVISTADOR: Para Governador.

JAFETE ABRAHÃO: Para Governador. E a gente tinha uma resistência danada com o Tancredo.

ENTREVISTADOR: Sandra, Sandra Starling também foi candidata, PCB.

JAFETE ABRAHÃO: Foi. Acho que foi.

ENTREVISTADOR: Sandra Starling foi.

JAFETE ABRAHÃO: Não, acho que não foi, não. Foi com o Tancredo? Foi? Mas não tinha o PT ainda, não. O PT é de quando? 80?

ENTREVISTADOR: 79. Ele é de 79, 81. Ele já disputou.

ENTREVISTADOR: Foi fundado em 81, né.

ENTREVISTADOR: É. Ele é oficializado em 81. Então ele já concorreu em 82.

JAFETE ABRAHÃO: É? Ele concorreu?

ENTREVISTADOR: Sandra Starling foi.

JAFETE ABRAHÃO: Era amiga minha.

ENTREVISTADOR: Ela era candidata ali a deputada.

JAFETE ABRAHÃO: 82.

ENTREVISTADOR: A governadora.

JAFETE ABRAHÃO: Nós não tinha a menor viabilidade a Sandra, e do outro lado tinha o Eliseu Resende, que representava...

ENTREVISTADOR: A elite da elite, né?

JAFETE ABRAHÃO: A elite que representava a Ditadura na eleição.

ENTREVISTADOR: A ditadura, principalmente.

JAFETE ABRAHÃO: O **CHICO**, você está olhando o relógio? Eu estou prolongando muito?

ENTREVISTADOR: Não, não, não.

JAFETE ABRAHÃO: Quanto tempo que eu tenho?

ENTREVISTADOR: Você tem o tempo que for necessário. Eu, que meu tempo está limitado.

JAFETE ABRAHÃO: Sim.

ENTREVISTADOR: Porque eu tenho que ir para o Instituto de Identificação, então 10h28min eu vou sair. As meninas continuam.

JAFETE ABRAHÃO: Eu não vou ficar com elas sozinho.

ENTREVISTADOR: Que perigo, né.

ENTREVISTADOR: Nossa, gente, que perigo!

JAFETE ABRAHÃO: Qual foi o compromisso?

ENTREVISTADOR: Pois é.

JAFETE ABRAHÃO: Mas eu atrasei.

ENTREVISTADOR: Mas você vai me dar um desconto, né?

JAFETE ABRAHÃO: E essa história da Ruralminas eu vou fazer um preâmbulo, né? Nós tínhamos um receio danado. O Tancredo sempre foi um... Ele tinha umas visões interessantes, ele manteve, foi fiel ao Getúlio Vargas, mas sempre um conciliador, conservador e conciliador. Ele foi fazer... O Edgar, ele procurou o Professor Edgar. Edgar da Mata Machado era para nós o nosso mentor, né, intelectual, humanista. Ele fez uma, o Tancredo pediu, ele fez um encontro com o pessoal de ação católica. Eu fui líder da Juventude Universitária Católica no meu tempo de Universidade. Ele fez um encontro na... Aqui nesse, nessa igreja aqui da Nossa Senhora do Carmo, como é que ela chama?

ENTREVISTADOR: Igreja Nossa Senhora do Carmo.

JAFETE ABRAHÃO: Igreja do Carmo. Uns padres lá muito politizados e tal, muito ligado a essa questão da juventude católica. E nós fomos lá. Tancredo convidou, nós fomos lá. Tinha uma sala lá, tal, Tancredo fez a exposição, Edgar fez a apresentação, ele fez a exposição. Aí eu caí na besteira de fazer uma pergunta para ele. Tancredo tinha um negócio, o seguinte, quando ele se sentia acuado, ele pegava a gravata e começava a morder. Levantei, me apresentei. “Pois não?”, “Oh, Tancredo, Doutor Tancredo, é o seguinte: o senhor não mora em Belo Horizonte, o senhor mora no Rio. O senhor fica no Rio-Belo Horizonte, Rio-São Paulo, Rio-Brasília, Rio-Brasília, o senhor é senador. Se o senhor ganhar a eleição, o senhor pretende governar com quem? Como é que o senhor vai governar? Como é que o senhor vai fazer campanha? O senhor não tem, não conhece nem a realidade brasileira. A última vez que o senhor conheceu foi quando o senhor foi candidato a Governador.” Aí ele começou a...

ENTREVISTADOR: Morder a gravata?

JAFETE ABRAHÃO: A morder a gravata. “A última vez que o senhor foi candidato foi contra o Magalhães Pinto. O senhor perdeu a eleição em 65. Não tem sentido. O senhor vem pleitear alguma coisa com a esquerda, e eu acho isso muito difícil.” Ele, o Edgar sentiu que eu estava muito bravo, botou a mão no braço do Tancredo e falou o quê que eu era, né. Aí o Tancredo parou de morder a gravata e falou: “ah, pô, estou em casa”. Ele era tão safado. Que ele fala: “Não, eu tenho um... Eu tenho uma equipe que está me ajudando, meu... O coordenador da minha campanha é o Professor Simão Pedro

Casassanta, com quem eu tinha trabalhado e era meu padrinho de casamento na época, tinha sido padrinho de casamento, que é o Professor Simão Casassanta, e tal. “Eu queria aproveitar a oportunidade que eu já estou sabendo da sua história e tal, queria convidá-lo para participar... Para participar do grupo de coordenação”, “Ah, tá bom então.” E fui embora. Esqueci daquilo. Nós tínhamos um grupo político, que era o Ronan Tito, o Paulo Rogedo, Otávio Elísio Alves de Brito, o Edgar Amorim, são todos de esquerda. A gente reunia toda segunda-feira na casa do Edgar.

ENTREVISTADOR: Cássio Gonçalves?

JAFETE ABRAHÃO: Cássio Gonçalves. E primeira reunião que a gente teve depois desse encontro, eles me perguntaram: “Jafete, você se apresentou lá para o Tancredo?” Eu falei: “Não. Aquilo é convite, né, um quebra-galho, ficar bem. Não tem o menor sentido”, “Não, você vai ter que ir lá.” Eu falei: “Vocês vão me desculpar, eu não vou, não”, “Mas você tem que pensar politicamente, longe”. Aí terminou a reunião, no outro dia, terça-feira cedo me telefona o Simão. Simão Pedro. “Tancredo quer conversar com você”. Aí fui lá. Queria que a gente participasse, queria efetivamente, e que a gente criasse um grupo, aliás, que a gente... O quê que a gente podia fazer. Eu falei: “Olha...”, sou tão bobo que na hora eu já aderi, “eu posso tentar reunir um grupo e fazer um programa de governo para o senhor, ou uma proposta de governo.” Aí ele falou: “Ótimo e tal”. Eu comecei, voltei para essa reunião. Falei para o pessoal a história, e nós conseguimos arregimentar cerca de quase 100 pessoas, especialistas em várias áreas para redigir um documento que poderia servir de base para o Tancredo. Ficou um documento que a imprensa chamou de “Isto é”. Falando sobre democracia, o quê que o governo democrático tem. Tinha todos os aspectos dentro, né, questões políticas, econômicas, de planejamento. Esse documento para o Tancredo foi muito importante. E no texto lá, para não assustá-lo, a gente não falava em reforma agrária. A gente falava que precisava haver uma mudança estrutural na questão fundiária do país. Escrevi isso. Aí, lá do nosso prédio, onde que eu moro, lá no alto da Afonso Pena, um salão grande, nós fizemos uma reunião com ele. Mandamos para ele o documento, ele leu, marcou algumas coisas. Aí lá na reunião ele falou: “Por quê que tem esse nome comprido aqui? ‘Mudança da questão, não sei o quê?’”

ENTREVISTADOR: Estrutural?

JAFETE ABRAHÃO: “‘Questão fundiária, não sei o quê?’ Isso é reforma agrária! Por quê que vocês não escrevem reforma agrária?” Ele sabia onde é que ele estava, né.

ENTREVISTADOR: Sabia com quem que ele estava falando.

JAFETE ABRAHÃO: Com quem que ele estava falando. Ele foi...

ENTREVISTADOR: Aí vocês respiraram aliviados?

JAFETE ABRAHÃO: O, então reforma agrária. Ele ganhou a eleição. Eu acabei não indo trabalhar com ele inicialmente, eu estava, eu era diretor lá da Acesita. E aí o cara que ele tinha escolhido lá para presidente da Ruralminas, que é lá da terra do **CHICO**.

ENTREVISTADOR: Moacir Lopes.

ENTREVISTADOR: Moacir Lopes.

JAFETE ABRAHÃO: Moacir Lopes.

ENTREVISTADOR: Qual que é a sua terra mesmo?

ENTREVISTADOR: Montes Claros. MOC.

ENTREVISTADOR: Todos dizem que sou de Montes Claros, e eu tenho muito orgulho de ser de Montes Claros tendo nascido em Santa Tereza, na Zona Leste de Belo Horizonte. Mas sou de Montes Claros.

JAFETE ABRAHÃO: Mas você se prende politicamente.

ENTREVISTADOR: Em Montes Claros, claro. Isso mesmo.

JAFETE ABRAHÃO: Esse conheceu como um **CHICO** do Montes Claros. Ele tinha colocado como presidente lá, ou diretor-geral o Moacir. O Moacir fez um outro negócio louco, né. Corrupção violenta. E deu uma crise no Governo Tancredo Neves.

ENTREVISTADOR: Deu origem a CPI, né, da Ruralminas?

JAFETE ABRAHÃO: Deu origem... Não, aí foi depois.

ENTREVISTADOR: Uhum.

JAFETE ABRAHÃO: Aí antes disso, né, montada a crise.

ENTREVISTADOR: A crise na imprensa, né?

JAFETE ABRAHÃO: É, imprensa, tal. Várias pressões de pessoas com uma plataforma, até uma apresentação muito densa e tal. O reitor, o ex-reitor da Universidade de Lavras era candidato. O Secretário da Fazenda, Secretário da Agricultura, era o Arnaldo Rosa Prata, lá de Uberaba, e uma pressão danada para o Tancredo botar esses caras. Eu sei lá o quê que deu na cabeça do pessoal. Eu sei que um dia eu estava saindo com o Ronan, falei: “Ronan, alguém me procurou para eu ir lá para a Ruralminas, o quê que você acha?” Ele falou: “Pode tirar o cavalinho da chuva. Você acha que o Tancredo vai te colocar lá?” O Ronan, falou, falou. No outro dia, recebo uma ligação que o Tancredo queria falar comigo. Fui lá. Conversamos, ele falou: “Eu queria que você fosse para a Ruralminas.” Aí eu falei: “Uai, Governador, tudo bem. Mas eu queria trocar uma ideias com o senhor”, “O que é que é?”, “Seguinte, o senhor tem 4 diretores. O único diretor

honesto que tinha lá, que fez a denúncia, o senhor mandou ele... Vocês mandaram ele embora.”

ENTREVISTADOR: Foi o Pimentel.

JAFETE ABRAHÃO: É, o Hugo Pimentel. Eu te falei, não te falei? Ou não?

ENTREVISTADOR: Tá na CPI da Ruralminas também. Ele que denunciou o Moacir Lopes, né, alguns atos dele.

JAFETE ABRAHÃO: É, ele... O único cara que tinha lá, quer era o sério, o senhor mandou embora. Foi detectado com uma auditoria lá do Secretário de Governo, era o (trecho incompreensível), que demonstra o quê que aconteceu. Eu precisava de pelo menos ter dois diretores comigo. O ideal era o senhor tirar três.

ENTREVISTADOR: Remontar a equipe.

JAFETE ABRAHÃO: Montar equipe. Ele estava sentado de... em um banquinho na Praça da Liberdade. Ele botou a mão na minha perna assim: “Professor”, olhando nos meus olhos, “Professor, o senhor veio aqui para me ajudar ou para me atrapalhar?” Eu falei: “Nossa mãe!”, “O senhor sabe da minha situação? Eu tenho uma maioria de três deputados na Assembleia Legislativa. Três. Se eu tirar três diretores, eu vou criar caso com três deputados. Quaisquer que sejam, o (trecho incompreensível) maioria. O problema não é só esse. A hora que eu tiro os três, eu vou ter que nomear. Vão aparecer candidatos de 15 deputados. Eu só poder atender três, os outros 12 vão ficar contra mim. Então vamos fazer o seguinte, o senhor deixa esse pessoal que está lá. O senhor monta uma assessoria que todo o processo de decisão passe pelo senhor”, “Está bom.” Então fui para a Ruralminas. Aí, não sou besta, levei o CHICO para lá. Você foi para a Ruralminas, não foi?

CHICO: Fui, Assessor Especial da Presidência da Ruralminas.

JAFETE ABRAHÃO: É, o Jorge...

ENTREVISTADOR: E quando você foi exatamente?

JAFETE ABRAHÃO: Heim? Que eu fui para a Ruralminas?

ENTREVISTADOR: É.

JAFETE ABRAHÃO: Foi 1983.

ENTREVISTADOR: 83, final de 83.

JAFETE ABRAHÃO: É. Ou 84.

CHICO: Eu incorporei à equipe em 84, você já tinha um tempinho lá. Eu incorporei mais ou menos em maio de 84.

JAFETE ABRAHÃO: É, eu tô acho que foi março, abril, devo ter...

CHICO: Começo de 84.

JAFETE ABRAHÃO: É. Que eles tomaram posse março, aí eu fui até da comissão de transição dele na época. Eu esqueci. Mas eu lembro que eu fui para lá em 84, já tinha 9 meses e era uma confusão danada que tinha aprontado. Oh, CHICO, você tá de carro aí?

CHICO: O carro vem me pegar, esse que é outro problema, que a coisa lá é...

JAFETE ABRAHÃO: A gente vê viu? Olha o que a (trecho incompreensível) escreveu, (trecho incompreensível) lá, o depoimento e tal. Você corta alguma coisa, acrescenta.

CHICO: Eu vou... Nós vamos monitorar, sim, todos os pontos.

ENTREVISTADOR: Obrigada, CHICO.

JAFETE ABRAHÃO: *Ghost writer* que chama esse trem, né?

ENTREVISTADOR: Obrigada, CHICO. Bom te rever.

ENTREVISTADOR: Obrigada, viu?

CHICO: Nos falamos.

JAFETE ABRAHÃO: Falamos.

CHICO: Podemos tomar um vinho depois, né?

JAFETE ABRAHÃO: É. É, 80 e, 84 que eu fui. A montagem da CPI tinha dificuldade porque não tinha material. No Estado, as coisas estavam todas fechadas. Ah, e outra coisa que eu falei com o Tancredo que era o seguinte. Eu teria que levar o Hugo de volta.

ENTREVISTADOR: Aquele que fez a denúncia?

JAFETE ABRAHÃO: É. Eu nem sabia quem que ele era, e fiquei encantado com o cara. Inclusive eu levei ele lá para quando eu fui para o Inbra, aqui eu levei ele para lá também. Eu levei o CHICO. Eu falo o Jorge Pousada, não sei se vocês conhecem, ele também foi da 3P, que era a Seplan e a gente transformou em 3P lá no começo da história, né. Quando eu estava mexendo com iniciativa, que eu estava na iniciativa privada. Levei o Jorge Pousada. Levei um cara que foi da... No tempo do Jango, ele foi da... Como é que chamava aqueles órgãos da...

ENTREVISTADOR: Da Supra?

JAFETE ABRAHÃO: Hein?

ENTREVISTADOR: Da Supra?

JAFETE ABRAHÃO: Da Supra.

ENTREVISTADOR: O Lins.

JAFETE ABRAHÃO: O Lins.

ENTREVISTADOR: Antônio de Oliveira Lins.

JAFETE ABRAHÃO: Antônio de Oliveira Lins. Para tudo quanto era lugar eu levava ele. Antônio de Oliveira Lins.

ENTREVISTADOR: Ele ainda está vivo?

JAFETE ABRAHÃO: Não.

ENTREVISTADOR: Era intelectualidade da esquerda da época.

JAFETE ABRAHÃO: Levei o Antônio Romanelli.

ENTREVISTADOR: Uhum.

JAFETE ABRAHÃO: Levei o Edgar, que hoje é Desembargador. Edgar Amorim.

ENTREVISTADOR: Levou a esquerda toda?

JAFETE ABRAHÃO: É. Fiz uma festa lá.

ENTREVISTADOR: Não tinha diretoria, mas tinha uma equipe top de assessoria.

JAFETE ABRAHÃO: Tinha, sabe? Montamos, fizemos uma... Aí me procurou, e me procurou, antes dele me procurar, o... Como é que chamava o cara que apresentou o pedido de CPI?

ENTREVISTADOR: O Mares Guia.

JAFETE ABRAHÃO: Mares Guia.

ENTREVISTADOR: João Batista dos Mares Guia.

JAFETE ABRAHÃO: É, João Batista dos Mares Guia. Muita informação, não sei o quê, não sei o quê. Um dia eu estou na sala e estava o representante do Incra, o diretor regional do Incra para falar comigo. Marcou hora e tal. Aí chega o pessoal da Fetaemg. O presidente mais dois diretores e aquele menino que trabalhava lá.

ENTREVISTADOR: Na época já era o André Montalvão?

JAFETE ABRAHÃO: Era, o André Montalvão. Como é que chamava o menino que trabalhava lá com ele?

ENTREVISTADOR: João Dalício?

JAFETE ABRAHÃO: Hein?

ENTREVISTADOR: João Dalício?

ENTREVISTADOR: É, tinha João Dalício, o Rômulo, o Alexandre.

JAFETE ABRAHÃO: Não, era o principal cara dele lá. Fantástico o menino.

ENTREVISTADOR: Quem será? Era Eduardo Nascimento?

JAFETE ABRAHÃO: Eduardo.

ENTREVISTADOR: Eduardo Nascimento. Ah, o Pelé. Eduardo Pelé. Sabe que ele faleceu, Jafete?

JAFETE ABRAHÃO: Ah, é?

ENTREVISTADOR: Faleceu. Faleceu há... Deve ter um mês, né. Um mês mais ou menos.

JAFETE ABRAHÃO: O quê que foi? Doença?

ENTREVISTADOR: Infarto fulminante. Morreu dormindo, de madrugada.

ENTREVISTADOR: Eu falei, a gente conversou com ele.

JAFETE ABRAHÃO: Ele fumava demais. Não era?

ENTREVISTADOR: Fumava e bebia demais.

JAFETE ABRAHÃO: Menino ótimo, viu?

ENTREVISTADOR: Conversei com ele, ele ainda fumava.

JAFETE ABRAHÃO: Ele era, me ajudou muito, sabe? Aí chega lá a comitiva da Fetaemg. Então estava justamente. A Fetaemg...

ENTREVISTADOR: E o Incra?

JAFETE ABRAHÃO: E o Incra. Aí eu quis dar uma demonstração de prestígio para os trabalhadores. Ai a secretária me informou: “Doutor Jafete, está aí o pessoal da Fetaemg, que tem um assunto sério para tratar com o senhor e tal”. Saí, fui lá na sala de espera e cumprimentei eles antes do...

ENTREVISTADOR: Do Superintendente do Incra.

JAFETE ABRAHÃO: É.

ENTREVISTADOR: Uhum.

JAFETE ABRAHÃO: Fui lá e cumprimentei e conversei e tal. Aí fui até o cara, falei: “Olha, nós vamos ter que remarcar, porque tem um assunto importante aqui para resolver, um acontecimento e tal, eu vou ter que ir.” Falou: “Ah, tudo bem”. Saiu e foi embora. Esse negócio para mim não foi assim, só do meu imaginário que eu estava fazendo isso. Primeiro encontro que houve lá na Fetaemg, eles me convidaram, eu fui. Eu fiz uma, na minha apresentação o presidente falou assim: “Para vocês verem como é que está mudando essa questão de assunto fundiário, de reforma agrária lá na Ruralminas. Nós fomos lá sem marcar a reunião e estava o diretor regional do Incra. E quem que vocês acham que o presidente, que o diretor geral atendeu primeiro?”, aí todo mundo ficou assim, “Claro que fomos nós!” Oh, gente, isso é...

ENTREVISTADOR: E eles foram lá para falar de quê? Você lembra?

JAFETE ABRAHÃO: Acho que foi na lá no Triângulo Mineiro, tinha uma ocupação... Tinha uma ocupação em...

ENTREVISTADOR: Fazenda Barreiro?

JAFETE ABRAHÃO: Lá no Pontal. Hein?

ENTREVISTADOR: Fazenda Barreiro?

JAFETE ABRAHÃO: É lá no Triângulo? Ccho que era. Lá em... É lá em, como é que chamava lá? É lá no Pontal do Triângulo.

ENTREVISTADOR: Iturama?

JAFETE ABRAHÃO: Iturama.

ENTREVISTADOR: Então é a Fazenda Barreiro. Que foi a primeira ocupação de terra em Minas foi a Fazenda Barreiro.

JAFETE ABRAHÃO: E aí, o quê que aconteceu? A Policial Militar entrou lá. Já no Governo Tancredo, o Secretário, o Subsecretário, chamava de Subsecretário era o José Resende.

ENTREVISTADOR: Uhum.

JAFETE ABRAHÃO: E ele fazendeiro, latifundiário. Ele mandou a Policial Militar lá e foi um negócio gravíssimo. Entraram, entrou a Polícia, tropa do Batalhão de Choque. Cassetete, gás lacrimogênio. Mas foi um negócio assim, terrível. A televisão filmou.

ENTREVISTADOR: O José Resende, então ele tinha muito interesse.

JAFETE ABRAHÃO: Ah, tinha. Eu vou te contar uma historinha depois.

ENTREVISTADOR: Uhum.

JAFETE ABRAHÃO: É só você me lembrar.

ENTREVISTADOR: Lembro.

JAFETE ABRAHÃO: Então foi isso. Eu me lembro que na mesma hora...

ENTREVISTADOR: E aí eles estavam querendo que o senhor ajudasse a desapropriar a fazenda?

JAFETE ABRAHÃO: Eles queriam que a gente tomasse alguma providência. Primeiro na... Como é que a gente ia fazer para eles, né.

ENTREVISTADOR: Para a Polícia...

JAFETE ABRAHÃO: Com a Polícia que estava lá e tava... Ela estava... Acho que na mesma hora que eles ficaram sabendo, eles foram lá na Ruralminas. Eu telefonei para o Ronan, o Ronan era senador, e marcou uma audiência com o José Resende.

ENTREVISTADOR: Uhum.

JAFETE ABRAHÃO: Aí o José Resende falou: “Não, não tem nada disso. Não tem, não tem. Tem, não tem.” Alguém, entrou um não sei quem lá na hora, me entregou um bilhetinho falando que estava passando na Globo.

ENTREVISTADOR: A notícia?

JAFETE ABRAHÃO: Não só a notícia, como a filmagem. “Eu tenho certeza que não houve isso, isso é a esquerda que está assim, e parará, parará”. Falando em uma nervosia. Falei: “Secretário, o senhor podia ligar a televisão?”, “Para quê que você quer que eu ligue a televisão?”, “Não, parece que tem um negócio que vai interessar ao senhor.” O cara foi lá, ligou a televisão, estava na hora, a Policial Militar entrando. Ele olhou para mim, olhou para o Ronan, falou: “Passe bem.” Mais nada.

ENTREVISTADOR: Saiu?

JAFETE ABRAHÃO: Saiu. O que deu disso aí, o quê que gente tomou, se a gente chegou a propor a desapropriação, aí eu não lembro. Porque logo em seguida eu fui para o Incra de Brasília.

ENTREVISTADOR: Uhum.

JAFETE ABRAHÃO: Aí nós começamos a, na Ruralminas, com esse pessoal eu comece a fazer um levantamento. Trouxe um auditor da Vale, que era conhecido de alguém nosso. Eu trouxe para ele fazer uma auditoria, porque o Moacir distribuiu fazenda, produção de boi...

ENTREVISTADOR: Patrocinou desocupações, violências, demais da conta.

JAFETE ABRAHÃO: Nossa, o cara fez... Né? Então nós começamos a levantar informação. Foi quando o Mares Guia me procurou e falou que tinha interesse em abrir uma CPI e tal. Aí nós fizemos um dossiê para o Mares Guia. Pacote de coisas, de notas, de informações e não sei o quê. Bom, posso estar errado nisso, né. Têm muitos anos.

ENTREVISTADOR: Mas está certo, a gente encontrou parte desses documentos.

JAFETE ABRAHÃO: Eu não sei se já tinha CPI ou se foi com esses documentos que criou a CPI. Aí eu estou.

ENTREVISTADOR: É, a CPI, ela tem muito a origem nas denúncias feitas pelo Hugo, né. Ela parte dessas denúncias principalmente.

JAFETE ABRAHÃO: Que vocês partem desse...

ENTREVISTADOR: Desse dossiê.

JAFETE ABRAHÃO: Ah, então foi antes da...

ENTREVISTADOR: Mas vocês também entregaram, porque o senhor levou, né, após um mês que o senhor entrou na Ruralminas, começou a levar os documentos...

JAFETE ABRAHÃO: Tudo para eles.

ENTREVISTADOR: É, então entregou diversos documentos relacionados à intitulação indevida de terra, ao desvio de verbas, né. E também à questão de, de equipamentos.

JAFETE ABRAHÃO: É, ele pegava os tratores da Ruralminas, entregava para um prefeito...

ENTREVISTADOR: Fazendeiro.

JAFETE ABRAHÃO: É, fazendeiro, não sei o quê, e pegava um papelzinho, punha no bolso e aquilo... Os bens da Ruralminas foram dizimados, o patrimônio dela.

ENTREVISTADOR: Aí foi identificada a questão da grilagem de terras, da intitulação indevida, né.

JAFETE ABRAHÃO: Essa coisa que foi muito importante. Isso eu acho que foi fundamental, a nossa passagem lá, porque eu acho que também foi assim: você vai, faz alguma coisa, dá um avanço danado, depois entra um outro cara e faz o retrocesso.

ENTREVISTADOR: Aham.

JAFETE ABRAHÃO: Então, quando nós chegamos lá, o quê que tinha? O chefe da assessoria jurídica, velhinho e tal, muito competente e tal, mas ele...

ENTREVISTADOR: Como é que ele chamava? Antônio Claret?

JAFETE ABRAHÃO: Antônio Claret era advogado lá.

ENTREVISTADOR: Ele era o advogado, já era advogado nessa época?

JAFETE ABRAHÃO: Já, já era advogado. O chefe dele era o... Ah, não lembro. Era um velhinho simpático. Eu tive vontade de mandar ele embora, o Lins falou: "Como é que você vai mandar um cara desse nessa idade embora? Vamos tentar ver o quê que ele pode trazer para nós." Então ele ensinou o caminho das pedras para os fazendeiros. Os caras ocupavam grandes áreas, os fazendeiros, mas tinha um negócio que impedia que áreas acima... Desculpe se os números estão errados, tá?

ENTREVISTADOR: Sim.

JAFETE ABRAHÃO: Acima de 10 mil hectares precisava de autorização da Assembleia Legislativa. Eles declaravam isso como terra devoluta e queriam arrecadar, queriam que a Ruralminas arrecadasse e passasse para eles. Então acima de 10 mil hectares, essa autorização tinha que passar pela Assembleia. A Assembleia sempre mais complicada. Os caras têm que gastar mais dinheiro para comprar deputado.

ENTREVISTADOR: Uhum.

JAFETE ABRAHÃO: Esses 10 mil hectares, o quê que explicava para os caras? Vocês dividem.

ENTREVISTADOR: O advogado que?

JAFETE ABRAHÃO: O advogado.

ENTREVISTADOR: O velhinho?

JAFETE ABRAHÃO: Orientava.

ENTREVISTADOR: Aham.

JAFETE ABRAHÃO: Lógico que não era assim, era dentro da concepção ideológica dele. “Olha aqui, vocês tem 20 mil hectares, tá bom. O quê que vocês fazem? Fazem 4 glebas de 5.000. Isso está conosco, resolvemos rapidamente. E...”

ENTREVISTADOR: Não precisa passar pela Assembleia.

JAFETE ABRAHÃO: “Não precisa passar pela Assembleia.” Aí nós entendemos isso e começamos a botar a mão nessa ferida. Então eu cheguei a acumular pedidos de legitimação de área ao lado da minha sala, pacotes, pedidos, processos que eu não assinava, porque estava dentro dessa...

ENTREVISTADOR: Desse esquema, né.

JAFETE ABRAHÃO: Desse esquema.

ENTREVISTADOR: Uhum.

JAFETE ABRAHÃO: Então nós começamos a negociar com a Assembleia de que acima de 1.000 hectares, a gente queria dificultar o processo. E se fosse a Ruralminas, aí tu conseguiria segurar, porque...

ENTREVISTADOR: Tinha muita pressão, muito lobby.

JAFETE ABRAHÃO: Muita opressão. O Arnaldo Rosa da Prata é o, né, secretário, um cara até inteligente e tal. Mas dentro do perfil do agronegócio, do grande, de grandes produções e tal.

ENTREVISTADOR: Até a justificativa que o Moacir Lopes deu em defesa, a defesa é a questão de que tudo passava pelo Conselho Geral da Ruralminas, né. Ele se respaldava nas decisões...

JAFETE ABRAHÃO: Do Conselho.

ENTREVISTADOR: Do Conselho.

JAFETE ABRAHÃO: E o Conselho nessa época, era Conselho de Administração.

ENTREVISTADOR: Conselho de Administração.

JAFETE ABRAHÃO: É, você tinha o Conselheiro de Administração e tinha o Conselho Fiscal. Os caras que estavam lá estavam para ganhar gratificação, eles não...

ENTREVISTADOR: Estavam para ganhar propina nesses negócios.

JAFETE ABRAHÃO: É, não digo propina, mas eles não entendiam nada disso. Eram caras que o governador nomeava porque ajudou ele em tal lugar, tal, nenhum entendimento do que que era...

ENTREVISTADOR: A questão agrária.

JAFETE ABRAHÃO: A questão agrária, essa questão fundiária, né. Isso até hoje tem, mas só que os conselheiros hoje estão mais acordados, porque tem uma legislação nova aí criada pela Dilma que os conselhos são...

ENTREVISTADOR: Responsáveis.

JAFETE ABRAHÃO: São responsáveis também. É...

ENTREVISTADOR: A Ruralminas também não existe mais.

JAFETE ABRAHÃO: Acho que existe. Eles fecharam.

ENTREVISTADOR: Ela foi extinta.

JAFETE ABRAHÃO: Ainda, foi extinta, né?

ENTREVISTADOR: Foi extinta agora pelo Governador Pimentel.

JAFETE ABRAHÃO: É? Porque ela ficou, foi extinta, voltou, não sei o quê.

ENTREVISTADOR: Foi extinta agora definitivamente

JAFETE ABRAHÃO: Foi igual o Incra também. O Incra alguém deu uma decisão lá acabando com o Incra. E o Incra era criado por lei, não podia ser um decreto para acabar com o Incra.

ENTREVISTADOR: Então esse esquema de enganar a lei, enganar a Assembleia Legislativa...

JAFETE ABRAHÃO: Nasceu dentro, dentro da própria Ruralminas.

ENTREVISTADOR: Dentro da Ruralminas...

ENTREVISTADOR: Para não chegar na faixa de hectares que seria submetida...

ENTREVISTADOR: Que já era alto, né.

JAFETE ABRAHÃO: Era.

ENTREVISTADOR: Acima de 10.000 hectares.

ENTREVISTADOR: Na verdade, eram 7.500.

JAFETE ABRAHÃO: 7.500? Era isso.

ENTREVISTADOR: Já era alto, já era um latifúndio, né.

JAFETE ABRAHÃO: É.

ENTREVISTADOR: E sem contar que essas áreas tinha moradores, né.

JAFETE ABRAHÃO: Sim.

ENTREVISTADOR: Antigos, posseiros e aí.

JAFETE ABRAHÃO: A hora que... Eles tinham, vamos dizer assim, eles dominavam a área, tinha posseiro, e a gente entrou com uma defesa muito grande com relação à posse, né, dando força para os sindicatos e tal. Se a gente não podia ajudar muito, a gente pelo menos tentou criar um status para que as coisas não continuassem...

ENTREVISTADOR: Durante a sua gestão, para tentar amenizar esse...

JAFETE ABRAHÃO: Isso. Eu não sei se a Assembleia, vocês vão me desculpar. Eu não sei se a Assembleia, nós encaminhamos o pedido para que fosse acima de 1.000, 2.000 hectares que ficasse...

ENTREVISTADOR: Se ela aprovou ou não, né.

ENTREVISTADOR: Porque, se eu não me engano...

ENTREVISTADOR: Eu acho que ela aprovo é acima...

ENTREVISTADOR: Se eu não me engano, a Assembleia, ela também aprovou uma lei que delegou essa questão da, que seria aprovada...

JAFETE ABRAHÃO: Da legitimação.

ENTREVISTADOR: Não mais ela precisaria passar pela Assembleia.

ENTREVISTADOR: Mas ela determinou um limite. Eu lembro que nos anos 80 a gente discutia muito isso. Ela determinou um limite, eu acho que de 1.000... Até 1.500 hectares não precisaria passar pela Assembleia. Ela baixou esse limite. Acho que era isso, até 1.500 hectares não precisaria passar pela Assembleia, poderia ser um processo administrativo na Ruralminas, mas acima de 1.500 precisava continuar passando pela Assembleia.

JAFETE ABRAHÃO: Pois é, mas aí não tinha mais na Ruralminas. Não tinha mais a... Eu posso estar fazendo confusão. Eu posso estar fazendo confusão nessa história aqui. O cara ali queria legitimar?

ENTREVISTADOR: Não, mas a prática é isso. O esquema.

JAFETE ABRAHÃO: O modelo era esse. Se era 1.000 hectares que ela... 1.500 que a Ruralminas podia aprovar, ele mandava fazer 4 lotes.

ENTREVISTADOR: Ele mandava cortar a terra, né. Para pequeno e ficar várias pequenas terras.

ENTREVISTADOR: E havia então uma organização de grileiros, ou de fazendeiros, né, para divisão dessa área visada por eles...

JAFETE ABRAHÃO: Isso.

ENTREVISTADOR: Para submeter à Ruralminas e facilitar a grilagem e (trecho incompreensível) dessas terras, né?

ENTREVISTADOR: E aí estava com pessoas ligadas na Ruralminas que...

JAFETE ABRAHÃO: É, eu acho que esse cara, esse advogado, pela relação que eu tive com ele...

ENTREVISTADOR: Mas essa é uma prática que veio do Moacir Lopes ou anterior?

JAFETE ABRAHÃO: Não, isso é do anterior.

ENTREVISTADOR: Anterior, né.

JAFETE ABRAHÃO: É.

ENTREVISTADOR: Uma prática comum?

JAFETE ABRAHÃO: É, a Ruralminas, a Ruralminas era ligada muito, a ideia da Ruralminas foi muito ligada à questão da colonização.

ENTREVISTADOR: Uhum.

JAFETE ABRAHÃO: Eles achava que reforma agrária, esse troço não funcionaria. Então foi graças a Ruralminas que vários projeto, grandes projetos de colonização foram criados em Minas Gerais. Tem um lá do... Lá em Unaí, lá na...

ENTREVISTADOR: Funil?

JAFETE ABRAHÃO: Tem o do Funil. Tem lá o da Serra do Papagaio.

ENTREVISTADOR: Sagarana.

JAFETE ABRAHÃO: É Serra do Papagaio lá, né?

ENTREVISTADOR: É... Serra das Araras?

JAFETE ABRAHÃO: Serra das Araras. Parecido, né. Arara e papagaio.

ENTREVISTADOR: Chapada Gaúcha.

JAFETE ABRAHÃO: Tem, é, o pessoal da Chapada Gaúcha. Aqui no...

ENTREVISTADOR: João Pinheiro também tem.

JAFETE ABRAHÃO: João Pinheiro tem, aqui no, grandão aqui, na estrada para Uberlândia ali, perto de Araxá. Os japoneses lá. Eu esqueci

ENTREVISTADOR: É o Jika?

JAFETE ABRAHÃO: Pois é, mas como é que chama?

ENTREVISTADOR: Padapi, não era?

JAFETE ABRAHÃO: Padapi. O Padapi era o título, né.

ENTREVISTADOR: Padapi era o...

JAFETE ABRAHÃO: Programa...

ENTREVISTADOR: Programa de Assentamento Dirigido...

JAFETE ABRAHÃO: É isso.

ENTREVISTADOR: Do Alto Paranaíba.

ENTREVISTADOR: É, porque ali os programas de assentamentos dirigidos, os de colonização...

JAFETE ABRAHÃO: Porque existia uma ideia que era a seguinte, que tinha que ser feito isso aqui, e essa questão de reforma agrária. Essa questão de terra para...

ENTREVISTADOR: Para o pequeno.

JAFETE ABRAHÃO: Para esse pessoal, ia mandar lá para o Amazonas. A ideia do Médici na época, ele falava: “Não, aqui tem muita gente aqui e não tem terra. Lá tem pouca gente no Amazonas e...”

ENTREVISTADOR: E muita terra.

JAFETE ABRAHÃO: “E muita terra. Tem que levar para lá.” Então eles fizeram vários projetos lá de, lá no Pará, vários projetos de assentamento, né, de colonização.

ENTREVISTADOR: Que acompanharam diversos conflitos muito graves.

JAFETE ABRAHÃO: É. E teve...

ENTREVISTADOR: Só que lá também, pela mesma forma, para poder entrar com gente de fora, tinha que tirar gente de lá, né, os moradores de lá, né. Então...

JAFETE ABRAHÃO: Era um negócio complicado o que eles estavam querendo fazer. E...

ENTREVISTADOR: Mas aí a Ruralminas então trabalhava, atuava mais nesses projetos de colonização?

JAFETE ABRAHÃO: De redução de... É, ela tinha os projetos de colonização, mas ela entendia, nós entendíamos que era, né, queríamos mudar a cultura da Ruralminas.

ENTREVISTADOR: Então havia uma cultura institucionalizada, né, que havia um processo formal que era submetida a um esquema de grilagem, né.

JAFETE ABRAHÃO: É, exatamente isso.

ENTREVISTADOR: Com a conivência, né?

JAFETE ABRAHÃO: Com a conivência legal da Ruralminas. Que ela tinha autoridade para fazer isso.

ENTREVISTADOR: Uhum.

JAFETE ABRAHÃO: Ela era a única arrecadadora de terras devolutas do Estado de Minas Gerais. Então o cara vinha e ele declarava que aquela terra era devoluta, se era uma área grande, como é que você arrecada? Você pega essa área, faz o edital, despacha na igreja, não sei o quê. Aí o pessoal vai lá, tem que comprovar.

ENTREVISTADOR: A posse?

JAFETE ABRAHÃO: A propriedade. A posse não.

ENTREVISTADOR: A propriedade.

JAFETE ABRAHÃO: Tem que comprovar a propriedade. Posse eles nem levam em consideração para isso.

ENTREVISTADOR: É, porque havia tensão entre posse e propriedade, né?

JAFETE ABRAHÃO: É, se não tinha, senão tinha...

ENTREVISTADOR: Tanto é que por isso que vinha fazendeiro que nem morava lá e reivindicava a propriedade.

JAFETE ABRAHÃO: Claro, é, então tinha isso aqui, a área, fazia a ação discriminatória.

ENTREVISTADOR: Uhum.

JAFETE ABRAHÃO: O quê que é ação discriminatória? Vocês devem saber melhor do que eu. Você separa o quê que é público. Por exemplo, o quê que é privado? Você separa o quê que é privado.

ENTREVISTADOR: Baseado na documentação.

JAFETE ABRAHÃO: Na documentação. O que não for, são terras devolutas que em Minas Gerais quem que fazia o processo de arrecadação para transformar em terras públicas era a Ruralminas. É...

ENTREVISTADOR: Mas aí você chegou em um ponto, Jafete, que encontra os depoimentos que nós tivemos. Por exemplo, abordaram do lado da questão da perspectiva dos trabalhadores rurais e de posseiros, na questão desse processo formal. Que uma vez que era aberto o período para reivindicar se havia posse, né, de 30 dias, isso prejudicava o posseiro, porque aí tinham posseiros que eram analfabetos, não tinha acesso real ao diário.

ENTREVISTADOR: Nem sabia que isso tava acontecendo, né.

JAFETE ABRAHÃO: Não, o processo de arrecadação, ação discriminatória era...

ENTREVISTADOR: Eu gostaria que o senhor comentasse mais sobre esse processo, você já começou falando da ação discriminatória, né, que havia um esquema, mas sobre essa questão de prazo também. Como que essas formalidades prejudicaram, né, os próprios posseiros?

JAFETE ABRAHÃO: O interesse não era, não era arrecadar terra para posseiro, para trabalhador, não. Era para, atrás de cada ação dessa tinha o pedido de um grupo que queria aquela terra.

ENTREVISTADOR: De um grande, de um latifundiário?

JAFETE ABRAHÃO: De um grande, de um latifundiário. Inclusive tem um outro negócio também que era interessante, algumas terras que a Ruralminas arrecadava, ela não dava sequência e alugava essas terras para grandes empresas, não chama aluguel.

ENTREVISTADOR: Arrendamento?

JAFETE ABRAHÃO: Não. Não é arrendamento também.

ENTREVISTADOR: Concessão?

JAFETE ABRAHÃO: Não, não sei como é que chama. Você paga lá uma taxa e usa a terra, essa terra.

ENTREVISTADOR: Muitas empresas reflorestadoras entraram nisso?

JAFETE ABRAHÃO: Tudo nisso.

ENTREVISTADOR: Todas entraram nessa.

JAFETE ABRAHÃO: E não pagavam também.

ENTREVISTADOR: É, e era, não pagavam.

JAFETE ABRAHÃO: Uma vez eu fiz o levantamento...

ENTREVISTADOR: Como era esse processo? Conta mais para gente. É esse de...

JAFETE ABRAHÃO: Quando eu cheguei isso já estava lá.

ENTREVISTADOR: Sim, já estava, mas o que o senhor identificou, como que isso acontecia?

JAFETE ABRAHÃO: Identificamos, por quê?

ENTREVISTADOR: Que as empresas não pagavam?

JAFETE ABRAHÃO: Não pagavam, o meu ponto de vista. Eu levei para lá esse auditor, e ele trabalhou em todas as áreas. Então, como a Ruralminas tinha problema de recurso, não é? Nós tínhamos que tentar buscar algum tipo de recursos, fora do recurso.

ENTREVISTADOR: Oficial?

JAFETE ABRAHÃO: Oficial, né, do orçamento. Esse auditor trabalhou e viu que havia dezenas de áreas que estavam sendo arrendadas, não, o termo é arrendadas... Para grandes empresas. E que elas, inclusive, não pagavam. Essa foi uma forma que a gente adotou. Ocupada ou desocupa uma área. O problema que tem que é o seguinte, eu fiquei na Ruralminas praticamente um ano, um ano e pouco.

ENTREVISTADOR: Nossa, o senhor fez uma revolução lá dentro então, uai.

JAFETE ABRAHÃO: É.

ENTREVISTADOR: Nesse pouco tempo conseguir levantar tudo isso.

JAFETE ABRAHÃO: Mas não, quando entrou um outro, já não deu sequência. Você entra com uma vontade danada e abre...

ENTREVISTADOR: A caixa preta.

JAFETE ABRAHÃO: E abre várias frentes de luta. Então se você tem um diretor geral que tem acesso a secretário, tem acesso ao governador, e pressiona para fazer aquilo, né, você vai. Mas quando chega alguém que é ligado a outro estilo, que honesto, é sério, mas tem um padrão biológico de modernização da agricultura, né, esse negócio de reforma agrária, isso é atraso de vida, tal.

ENTREVISTADOR: Aí retorna a prática histórica...

JAFETE ABRAHÃO: Quando não retorna, ele mantém aquilo sem nenhuma prioridade. A questão é a visão do grupo que está gerindo, né, a visão que esse grupo tem de levar essas coisas para frente.

ENTREVISTADOR: O senhor está afirmando, então, que na verdade existia, durante toda essa sua experiência na Ruralminas ficou claro que existia um, uma luta ideológica muito forte?

JAFETE ABRAHÃO: Ah, claro. Claro.

ENTREVISTADOR: A favor de, vamos dizer assim, passar essas terras públicas para, legitimar essas terras públicas para o latifundiário...

JAFETE ABRAHÃO: Ela fazia só isso, era terra dela, né. Era essa a questão...

ENTREVISTADOR: E a linguagem então era modernizar a agricultura, e modernizar a agricultura era com esses grandes latifundiários recebendo inclusive a própria colaboração do Estado, nesse sentido, e de outro lado a reivindicação de reforma agrária não era considerada de forma alguma? Era considerado outro polo?

JAFETE ABRAHÃO: Outro polo.

ENTREVISTADOR: Então existia...

ENTREVISTADOR: Então essa questão, a minha dúvida é: essa questão da reforma agrária já aparecia nesse momento, com você, algum tipo de reivindicação?

JAFETE ABRAHÃO: Ah, já.

ENTREVISTADOR: Ou não?

JAFETE ABRAHÃO: Ah, já.

ENTREVISTADOR: Como que era então os conflitos de terra encaminhados à Ruralminas?

JAFETE ABRAHÃO: Eu fui, eu fui, só um segundo, só terminar. Eu fui do grupo dos 11 do Brizola.

ENTREVISTADOR: Que já fazia ocupação de terra antes de 64, né?

JAFETE ABRAHÃO: Lutava pela reforma agrária.

ENTREVISTADOR: A minha questão é, a minha pergunta é a seguinte. Chegava esse tipo de demanda lá na Ruralminas?

JAFETE ABRAHÃO: Ah, sim.

ENTREVISTADOR: Como chegava? A questão dos conflitos de terras?

JAFETE ABRAHÃO: Através dos sindicato, através da federação. Chegava...

ENTREVISTADOR: A federação levava isso para vocês?

JAFETE ABRAHÃO: Levava.

ENTREVISTADOR: E uma vez que chegou à Ruralminas, o que acontecia?

JAFETE ABRAHÃO: A gente trabalhava tentando ver o quê que podia ser feito? Eu fiquei muito pouco tempo na Ruralminas.

ENTREVISTADOR: É. Mas o que o senhor percebeu da posição da Ruralminas diante dessas denúncias?

JAFETE ABRAHÃO: Nós tivemos que... Não, primeiro você tinha uma dificuldade burocrática, né. A concepção do pessoal era de trabalhar a colonização, era para trabalhar grandes projetos, era para fazer a legitimação de grandes áreas dos grandes proprietários, né. Era o projeto de aproveitamento das áreas que tem, que são...

ENTREVISTADOR: Pantanosas?

JAFETE ABRAHÃO: Pantanosas, não chega a ser pântano, né. Ela tinha lá uma, digo, uma empresa de...

ENTREVISTADOR: Fazia as drenagens?

JAFETE ABRAHÃO: É. Tipo de drenagem e tal. Que isso é uma loucura, né. Você vai no cerrado, tem pouca água, você ainda...

ENTREVISTADOR: Você drena onde é que tem as veredas, né, os brejos

ENTREVISTADOR: E projeto de irrigação também.

JAFETE ABRAHÃO: Tinha projeto de irrigação. A Ruralminas era gestora daquele grande projeto da Jaíba.

ENTREVISTADOR: Sim. O senhor pode falar um pouquinho sobre esse projeto?

JAFETE ABRAHÃO: Posso.

ENTREVISTADOR: O senhor se recorda?

JAFETE ABRAHÃO: Hein?

ENTREVISTADOR: O senhor se recorda?

JAFETE ABRAHÃO: Vou tentar, né. Recordo, recordo. O quê que foi feito? Te respondi? Está mais ou menos?

ENTREVISTADOR: Foi nesse sentido mesmo. Eu tentei explicar mais a pergunta da Marina, que ela mencionou. Então chegava demandas à Ruralminas, né.

JAFETE ABRAHÃO: Sim. Era uma pressão sindical.

ENTREVISTADOR: Ela tinha conhecimento dos impactos nas ações dela.

ENTREVISTADOR: O início dos anos 80, foi... O início dos anos 80 já estava renascendo o movimento social, aqui em Minas tava... Final dos anos 70 e início dos anos 80, estava

renascendo a luta dos camponeses, dos trabalhadores rurais pela CPT e pela SEVS, e a reivindicação da reforma agrária era uma das principais já.

JAFETE ABRAHÃO: Essa, eu não sei se vocês lembram, as chamadas reformas de base do João Goulart.

ENTREVISTADOR: Sim.

JAFETE ABRAHÃO: Que era reforma agrária, reforma urbana e a outra reforma, acho que era a reforma bancária, um negócio assim. Aonde é que isso pegou mais? Principalmente a questão da reforma agrária? Pegou no Nordeste, com as ligas camponesas.

ENTREVISTADOR: Porque lá tinha o movimento das ligas camponesas.

JAFETE ABRAHÃO: É.

ENTREVISTADOR: Mas eu estou perguntando isso é porque a gente, esse contexto a gente está na Ditadura Militar, né. Então..

JAFETE ABRAHÃO: Está na Ditadura Militar. A luta começou antes, né.

ENTREVISTADOR: Claro, claro.

JAFETE ABRAHÃO: Já com o Jango e tal. Eles estavam com um projeto revolucionário que era...

ENTREVISTADOR: Nosso sentido de querer entender é não a questão da reforma agrária como um todo, mas aí é do ponto de vista institucional, se chegava esse tipo de demanda de reforma agrária ou de conflitos de terra, ou de impactos da legitimação de terras na Ruralminas e como era processado pela instituição.

JAFETE ABRAHÃO: Sim, então deixa eu te contar. Primeiro, a questão da reforma agrária, ela tem que ter um tratamento federal, porque a única que pode desapropriar por...

ENTREVISTADOR: Por interesse social.

JAFETE ABRAHÃO: Interesse social, não.

ENTREVISTADOR: Seria por decreto, né.

JAFETE ABRAHÃO: Tem que ser pela União.

ENTREVISTADOR: Uhum.

JAFETE ABRAHÃO: Né. Nós convencemos o Tancredo uma época a desapropriar e acabamos perdendo depois na,

ENTREVISTADOR: Na Vara Agrária.

JAFETE ABRAHÃO: Não tinha Vara Agrária ainda, não.

ENTREVISTADOR: Não tinha ainda, não.

JAFETE ABRAHÃO: Perdemos na justiça. Tancredo evitou um decreto desapropriando aquela fazenda lá do norte, nordeste, parará, parará, para lá de Montes Claros...

ENTREVISTADOR: Se refere ao conflito de Cachoeirinha?

JAFETE ABRAHÃO: Conflito de Cachoeirinha. Tancredo fez um decreto, o desembargador me telefonou, né, que era meu amigo. “Jafete, esse decreto que o Tancredo é inconstitucional. Ele não pode desapropriar com finalidade social, finalidade de...”

ENTREVISTADOR: De reforma agrária?

JAFETE ABRAHÃO: “Assentamento, reforma agrária, que isso é só do Governo Federal e você está lá no Governo Federal.” Nós perdemos. Tanto é que quando eu fui para o Incra, nacional, a primeira demanda minha junto ao ministro foi encaminhar a desapropriação da Cachoeirinha.

ENTREVISTADOR: Lá de Cachoeirinha?

JAFETE ABRAHÃO: É. Eu estava no Incra quando nós desapropriamos. Esse pelo menos eu carregou nas costas, que eu ajudei. É...

ENTREVISTADOR: Porque o conflito de Cachoeirinha foi bem nesse contexto da Ruralminas, de...

JAFETE ABRAHÃO: Foi.

ENTREVISTADOR: De facilitar as terras para os grandes proprietários, né.

JAFETE ABRAHÃO: Aquilo era, o quê que era aquilo? Tinha posseiros, tinha posseiros lá, um coronel da Policial Militar...

ENTREVISTADOR: Georgino.

JAFETE ABRAHÃO: Hein?

ENTREVISTADOR: Coronel Georgino.

ENTREVISTADOR: Deixa ele falar.

JAFETE ABRAHÃO: Georgino e tal, por lá, tirou os posseiros... Aquilo tinha, eu não sei se foi ele que construiu uma casa depois. Tirou os posseiros, como não tinha mais posseiros, ele tomou posse, e aquilo virou uma propriedade dele. Sei lá o quê que ele arrumou, ele estava lá. Foi o tipo do negócio bem bolado. O cara vai, tira e fica. Aí nós conseguimos, o Tancredo... Você era filha do... Como é que chamava seu pai?

ENTREVISTADOR: Eu sou filha de Júlio Miranda.

JAFETE ABRAHÃO: Aquele, aquele?

ENTREVISTADOR: Elói?

JAFETE ABRAHÃO: Elói.

ENTREVISTADOR: Elói Ferreira da Silva. Eu era... O Elói era como se fosse o nosso guru do movimento da luta pela terra, mentor da luta pela terra. Ele era de São Francisco.

JAFETE ABRAHÃO: É, o Elói tinha estado com Tancredo, levando para ele os problemas que tinha, né.

ENTREVISTADOR: Os conflitos da região Norte e Nordeste.

JAFETE ABRAHÃO: Os conflitos e tal. O Tancredo tinha muito interesse em ajudar. Interesse e tal, fica... Ele até prestou uma homenagem para ele, na Medalha da Inconfidência, o Elói...

ENTREVISTADOR: Em 84.

JAFETE ABRAHÃO: É, o Elói recebeu a Medalha da Inconfidência. Foi o primeiro camponês que... Que foi, recebeu essa medalha. O quê que eu estava falando antes?

ENTREVISTADOR: De Cachoeirinha. E eu tinha perguntado para o senhor para me contar sobre o Projeto Jaíba.

JAFETE ABRAHÃO: É, eu vou falar sobre o projeto. Então só terminando Cachoeirinha. Cachoeirinha então, houve essa tentativa.

ENTREVISTADOR: Tem muito a ver.

JAFETE ABRAHÃO: Hein?

ENTREVISTADOR: Tem muito a ver também.

JAFETE ABRAHÃO: Tem. Houve essa tentativa, não deu certo, né, com esse tipo de desapropriação. Nesse ínterim, abrir um parênteses aí, o Elói, eles fizeram uma...

ENTREVISTADOR: Emboscada.

JAFETE ABRAHÃO: Emboscada, mataram, sumiram com o corpo. A família estava desesperada. Eu não sei se isso tem interesse...

ENTREVISTADOR: Tem. Tem muito interesse, sim.

JAFETE ABRAHÃO: Eu chamei o Paulo Rogedo, nós tínhamos dois aviões, um ficava com a gente e o outro ficava com o secretário da agricultura. Chamei o Paulo e pedi para ele ir para a região ver se conseguia descobrir o corpo. Nós tinha um piloto, era um aviãozinho pequeno, à hélice, então ele se conseguia sobrevoar baixo e tal. Conseguiu localizar o corpo. Conseguimos arrumar uma polícia não sei da onde, ir lá buscar o corpo dele e prestamos uma grande homenagem e tal. E outra coisa do Elói também, que da primeira, nós estávamos consumindo algumas coisas lá nessa região, escolas, não sei o quê, não sei o quê, não sei o que. E eu tinha um gerente dessa área que era batuta também. Ele me chegou e falou assim: Isso aqui tudo é para atender latifundiário. A gente vai poder atuar pouco nisso. Mas vamos dar uma, pelo menos mostrar a nossa

presença?” Eu falei: “O quê que é?”, “Vamos dar o nome do conjunto do, ao Elói.” Aí eu fui lá, fiz um discurso, descerramos a placa com o nome do Elói, estava cheio de latifundiários lá.

ENTREVISTADOR: Latifundiário. Serra das Araras.

JAFETE ABRAHÃO: É Serra das Araras, né.

ENTREVISTADOR: É, porque ele foi morto na região da Serra das Araras.

JAFETE ABRAHÃO: Vamos pôr algumas coisas que ficam registradas.

ENTREVISTADOR: Sim. Sim. Mas isso era escola que foi com o nome dele?

JAFETE ABRAHÃO: Era. Era algum centro de treinamento, de não sei o quê, não sei o quê. Isso tem 40, 30 e tantos anos, difícil lembrar. Eu lembro, assim, algumas coisas que ficam gravadas. Esse foi o momento, né. Tanto da morte quanto da homenagem que a gente prestou para ele, quando o Tancredo foi nós que sugerimos também, o Tancredo prestou homenagem para ele, com a Medalha da Inconfidência.

ENTREVISTADOR: E foi no mesmo ano dessa medalha que ele foi assassinado.

JAFETE ABRAHÃO: Então tem... Vamos lá para o Projeto Jaíba. Quando eu cheguei, já na Ruralminas, o projeto estava quase, quase, assim, já tinha todas as decisões tomadas. Porque isso era tocado, o recurso e não sei o quê era por parte do Governo Federal, do Ministério do Interior. Tinha uma, um órgão do Governo Federal que tocava, que financiava o projeto. Esse projeto tinha sido, a origem dele, nasceu na Ruralminas. Grande projeto do cara lá, que era batuta em...

ENTREVISTADOR: Planejamento.

JAFETE ABRAHÃO: Em planejamento. Ele que projetou todo o Projeto da Jaíba. E o Projeto da Jaíba era assim, grandes glebas. Na área, vamos chamar assim, de 100 mil hectares.

ENTREVISTADOR: E eram terras devolutas, né.

JAFETE ABRAHÃO: Eram.

ENTREVISTADOR: Eram terras públicas?

JAFETE ABRAHÃO: Eram terras públicas.

ENTREVISTADOR: Uhum.

JAFETE ABRAHÃO: 100 mil hectares que era área irrigável, né. É, e no entorno, não sei mais quantos mil hectares, era para fazer pequenos assentamentos. Alguém tentou, acho que foi na Assembleia, que isso aqui fosse, tivesse glebas para cooperativas, tal... O Governo Federal não topou. Então isso estava só em nome, isso estava só em posse, propriedade de grandes grupos.

ENTREVISTADOR: Uhum.

JAFETE ABRAHÃO: O quê que era a ideia? A ideia era que esse projeto fosse, polarizasse a questão agrícola naquela região da Jaíba, né.

ENTREVISTADOR: Uhum.

JAFETE ABRAHÃO: Grande produção, e a partir dessas grandes produções, você tivesse processos de transferência, agregar valor à produção, né. Então tinha um que plantava lá ervilha, né. Grande área lá de produção de ervilha. Então produzir ervilha teria uma unidade de...

ENTREVISTADOR: Transformação de industrialização.

JAFETE ABRAHÃO: De industrialização... Processo de valor, agregar valor e já sair de lá o produto semi-industrializado. Isso era, o que mais que tinha lá?

ENTREVISTADOR: Então, e essa parte dos pequenos assentamentos?

JAFETE ABRAHÃO: Não fizeram.

ENTREVISTADOR: Não aconteceu?

JAFETE ABRAHÃO: Não foi feito, não aconteceu.

ENTREVISTADOR: A parte, talvez mais importante, que fosse de incluir pequenos agricultores não aconteceu?

JAFETE ABRAHÃO: Não. Aí teve um projeto que estava vingando, pelos trabalhadores rurais conseguiu levar a irrigação também, mesmo fora, e fizeram um projeto de assentamento aqui. Colonização, nada de reforma agrária, que era dos produtores rurais. Eu lembro de uma passagem também que é um negócio que a gente, um negócio assim, que você leva um choque, principalmente um cara teórico, não vive a prática da... Não conhece a pessoa humana, o gênero humano. Esse pessoal me pediu uma reunião. E vieram. Vieram 50 pessoas aqui, acho que tinham 100 aqui. Reunião na Ruralminas. Aí eu fiz um, cada um se apresentou, eu fiz um discurso de apresentação, o quê que era e tal. Aí fui fazer um elogio. Falei: "Olha, eu acho isso aqui um projeto interessante, que a gente vai poder servir de exemplo para outros projetos. Como vocês são oriundos da classe trabalhadora e agora transformaram, são pequenos empresários, vocês conhecem os problemas da natureza do trabalhador. Nós vamos poder, vocês vão poder pagar salário mínimo para esse pessoal. Porque vocês tinham esse tipo de problema e agora, né. São poucos trabalhadores, vocês podem pagar o trabalhador com o salário mínimo." Um fortão virou e falou: "Espera aí, doutor. O senhor acha que eu vou pagar salário mínimo, se eu tenho um cara que ganha, trabalha pela metade e ainda briga com o outro, que o outro quer trabalhar até mais barato, e o senhor acha que eu vou pagar salário

mínimo paro outro, para um? Claro que não. Vai consumir o meu lucro.” Aí você percebe que quando o cara vira, o problema não é a ter a cabeça não, é a tal da propriedade. O cara teve a propriedade, virou um pequeno burguês. E ele quer explorar a mão de obra. Isso estava se dando lá. Nós estamos conversando com o trabalhador rural que tinha virado colonos...

ENTREVISTADOR: E na hora de contratar...

JAFETE ABRAHÃO: E na hora de contratar ele faz o que eles faziam com ele.

ENTREVISTADOR: Reproduzia o modelo, né?

JAFETE ABRAHÃO: Reproduzia o modelo.

ENTREVISTADOR: Mas essa é uma situação bem típica mesmo da colonização, quer dizer, a pessoa, ela tem que se enquadrar de um modelo.

JAFETE ABRAHÃO: Mas a reforma agrária também, nos assentamentos que a gente teve lá no Incra também, lá em Brasília, e sempre imprensa explorava isso, você fazia aqueles grandes projetos de reforma agrária e não dava toda a assistência necessária. Porque um projeto de reforma agrária, ele tem que ser impedido integralmente. Ele não é projeto de um ministério.

ENTREVISTADOR: Nós vamos dar a sua terra, né.

JAFETE ABRAHÃO: Não é só a terra. Então quando você desapropria uma grande área, você tem que ter a secretaria da educação, que vai montar escola. A secretaria da saúde, que você vai desapropriar grandes glebas. Secretaria de Saúde, que vai montar postos de saúde, não sei o quê. O Ministério do Transporte, que vai abrir as estradas, não sei o quê.

ENTREVISTADOR: É, essencialmente uma ação integrada.

JAFETE ABRAHÃO: Agricultura, tem que criar assistência técnica e não sei o quê, não sei o quê. Então o quê que o Incra fazia? Ele até tentava fazer essas coisas, mas não dava conta. Isso é um... E o pior que os projetos de desapropriação acabava não desapropriando terras boas, né, porque o que sobrava para os posseiros tomarem, assumirem a posse e é isso que gerava a desapropriação, né. Era a qualidade da terra. Então você tinha que investir muito. Você punha esse pessoal, não dava assistência técnica devida, o cara não conseguia. E era uma ilha, você desapropriava uma grande terra, que uma área, 4 mil, 5 mil, 10 mil, 12 mil hectares e tal, era uma ilha cercada de latifúndios. Que não tinha o menor interesse nisso aqui.

ENTREVISTADOR: Em fazer dar certo isso aí?

JAFETE ABRAHÃO: É. Então o que que eles viam? Começavam a pressionar o posseiro para comprar. Porque você sem condição.

ENTREVISTADOR: Vai vender.

JAFETE ABRAHÃO: Evidente. Ou se entende de que é um programa de Governo, não é um projeto do Ministério.

ENTREVISTADOR: É um programa de Estado.

JAFETE ABRAHÃO: Você não faz, você não dá conta.

ENTREVISTADOR: Quando é que o senhor foi para o Incra nacional?

JAFETE ABRAHÃO: Eu fui em 85.

ENTREVISTADOR: 5, né?

ENTREVISTADOR: Foi logo depois da Ruralminas então?

JAFETE ABRAHÃO: Foi. Saí, eu estava na Ruralminas, o Tancredo tinha sido eleito, né.

ENTREVISTADOR: Presidente, né.

JAFETE ABRAHÃO: Presidente, e ele me convidou para ir para o Incra.

ENTREVISTADOR: E mesmo com a morte dele o senhor foi?

JAFETE ABRAHÃO: Mantiveram, né.

ENTREVISTADOR: Uhum.

JAFETE ABRAHÃO: E nós fizemos um bellissimo trabalho no Incra como sobre... Saiu o primeiro livro... Posso passar para lá? Da Ruralminas não, né. Que mais aqui?

ENTREVISTADOR: Da Ruralminas acho que podemos fazer.

JAFETE ABRAHÃO: Do Jaíba eu posso acrescentar pouco. Eu não sei como é que está o projeto hoje. Se está, se ele é viável economicamente, se tem grandes, grandes...

ENTREVISTADOR: É, isso também não é o nosso objetivo.

JAFETE ABRAHÃO: É. Mas o Projeto Jaíba foi feito para... A concepção desse cara que montou era para ter grandes projetos e no entorno você ter pequenas propriedades. Quando você monta colonização, né. Você não está, o cara, a mentalidade de trabalhador, o cara vira proprietário, vira capitalista e aquela visão pouco transformadora da realidade, né. Aqui os caras mecanizam tudo, não geram emprego.

ENTREVISTADOR: Com muito recurso público, né. Muito incentivo de recurso público.

ENTREVISTADOR: Então a Ruralminas como um instrumento do Estado, né, para lidar com sua terra devoluta?

JAFETE ABRAHÃO: Ele cumpriu o papel que eles tinham dado para ele, que era de...

ENTREVISTADOR: Atuou também como meio institucional de repressão a posseiros também? Ou de facilitação da violência?

JAFETE ABRAHÃO: Eu acho que ele não chegou a ser, ele não chegou a... Não, acho que a Ruralminas não teve isso. Ela pode ter pecado por omissão.

ENTREVISTADOR: Pecado por omissão. Mas a interferência direta, não.

JAFETE ABRAHÃO: A visão dela era grandes projetos, era colonização, né, e para tanto desapropriava, retirava posseiro, né. Mas tudo dentro da concepção vigente à época. Mas de fazer a perseguição de coisa, a Ruralminas acho que não.

ENTREVISTADOR: Então havia, né, se deu pela omissão dos agentes da Ruralminas da própria diretoria...

ENTREVISTADOR: Não sei, eu acho que pela descrição do Jafete, eu acho que era mais do que omissão, quer dizer, quando você tinha um sistema interno de orientação, como o você dividir uma gleba para facilitar o repasse dessas terras para a iniciativa privada.

JAFETE ABRAHÃO: É. A concepção deles era isso, né. Mas o que eu estou falando é o seguinte, eles não...

ENTREVISTADOR: Atuaram na violência, né.

JAFETE ABRAHÃO: Não atuaram com violência para...

ENTREVISTADOR: No despejo e tudo.

JAFETE ABRAHÃO: É, despejo, essas coisas, a Ruralminas não tinha isso. Ela tinha três empresas. A Ruralminas ela era...

ENTREVISTADOR: A Beta, a Delta.

JAFETE ABRAHÃO: A Beta.

ENTREVISTADOR: E uma terceira, né. Que era responsável por determinadas...

JAFETE ABRAHÃO: Tinha uma que tinha fazendas. Tinha uma que era, a Delta acho que era de drenagem... Alô. Sim. Ei, Moacir. Dá para você me ligar à tarde? Tá. Eu estou com um pessoal aqui na sala. É... Duas e meia. Tá bom. Um abraço. É...

ENTREVISTADOR: Essas empresas foram criadas mais ou menos na época do Moacir, não é?

JAFETE ABRAHÃO: Não. Ela foi criada com o presidente anterior, que era muito ligado ao Alisson Paulinelli. Eu tenho impressão que a Ruralminas, eu não sei se ela foi, quando ele foi secretário, o Alisson foi secretário da agricultura, acho que do Aureliano Chaves. E foi quando foi criada a Ruralminas. Vocês não tem a história da Ruralminas, não?

ENTREVISTADOR: Temos. Temos.

JAFETE ABRAHÃO: Para ver esse troço lá. Acho que foi o primeiro presidente. Não sei se foi o primeiro presidente. Ele era da mesma escola do Alisson, né. Alisson Paulinelli, aquela visão de modernização da agricultura.

ENTREVISTADOR: De agronegócio, né.

JAFETE ABRAHÃO: De agronegócio. Então todas essas concepções eram, né, esse projetos, grandes projetos de colonização, então isso tudo saiu da cabeça do Alisson Paulinelli, que tinha, que tinha como um dos braços operacionais o cara que era o presidente da Ruralminas. Diretor Geral.

ENTREVISTADOR: Mas então...

ENTREVISTADOR: Então eram três empresas, uma de, tinha fazenda, a outra tinha?

JAFETE ABRAHÃO: Pois é, então vamos lá. Eu vou ver se eu lembro. Tinha uma, tinha uma drenagem, tinha outra que tinha fazenda e tinha uma de estrada.

ENTREVISTADOR: Ah, tá. Cada uma responsável.

JAFETE ABRAHÃO: É. Aí o quê que eu fiz? Eu botei as três sobre uma supervisão de uma pessoa só, que era extremamente competente. E botei essas três empresas fazendo coisas de interesse das prefeituras. Da comunidade. Elas, as três eram ligadas frontalmente a grandes propriedades. Dava, abria estrada para fazenda, fazia drenagem de grandes áreas de fazendeiros, né. Então esse cara, de uma formação fantástica, cristã, que foi o cara que ajudou a construir os troços lá, não sei aonde, que município que foi, que nós demos o nome do Elói.

ENTREVISTADOR: Quem é ele? O senhor se lembra? Ele foi responsável por ajudar o senhor...

JAFETE ABRAHÃO: Isso.

ENTREVISTADOR: A entender o que acontecia com essas empresas, né...

JAFETE ABRAHÃO: Não só acontecia, como...

ENTREVISTADOR: O desequilíbrio fiscal...

JAFETE ABRAHÃO: É, então só como mudou a, vamos dizer, o foco dessas empresas. A Ruralminas, se ela bem tocada, ela podia ser um excelente instrumento de gestão do Governo. Porque ela era fundação, então ela tinha várias liberdades, né. Muito mais agilidade do que administração direta. Tinha três empresas para atacar nas áreas e tal. Então tinha essa questão da ação discriminatória, ela podia fazer essas ações discriminatórias, pegar essas terras públicas e viabilizar projetos de assentamento, não de colonização, porque de colonização você traz pessoas muito mais, né, com

capacidade técnica, não sei o quê. Um grande projeto lá da, do Triângulo Mineiro, do Alto Paranaíba, vieram japoneses. Os brasileiros foram trabalhar de empregados.

ENTREVISTADOR: De boia fria.

JAFETE ABRAHÃO: De boia fria.

ENTREVISTADOR: Bom, para finalizar, o senhor poderia só terminar de explicar sobre o processo de regularização, no sentido da tramitação. O senhor explicou que essa ação discriminatória, a gente comentou do prazo no diário, paramos aí.

JAFETE ABRAHÃO: Sim. Então você tinha, alguém declarava...

ENTREVISTADOR: Interesse.

JAFETE ABRAHÃO: Interesse daquela gleba. Então a Ruralminas não tinha preocupação de ir lá fazer um levantamento para ver a existência de posseiro ou não.

ENTREVISTADOR: Uhum. Não existia esse levantamento.

JAFETE ABRAHÃO: Não tinha isso. Não. O cara declarava, “tem lá 3.000 hectares, eu queria ter um processo de legitimação para essa terra”. Mas como é que fazia legitimação? Fazia uma ação discriminatória.

ENTREVISTADOR: Uhum.

JAFETE ABRAHÃO: Você declara, faz uma convocação. Portal de igreja, jornal, espalha a notícia. Não sei se chega, se tiver posseiro, se, né.

ENTREVISTADOR: Mas não havia essa preocupação?

JAFETE ABRAHÃO: Não.

ENTREVISTADOR: Uhum.

JAFETE ABRAHÃO: Então ia uma comissão para lá, da Ruralminas, para receber a documentação. Então certa terra estava aqui, e fazia uma ação discriminatória daqui tudo. Ação... É uma ação preparatória. Então eles chamam todo mundo aqui, onde está envolvido nisso. Ele chama para os caras provarem a propriedade.

ENTREVISTADOR: Uhum.

JAFETE ABRAHÃO: Então isso aqui, isso aqui comprovou, comprovou, comprovou, isso aqui não tem comprovação. Tem os limites, tem tudo. Então esse aqui é declarado como terra devoluta. Você sabe o que é terra devoluta, né.

ENTREVISTADOR: Uhum.

JAFETE ABRAHÃO: Feita a ação discriminatória, declarado isso aqui como terra devoluta, você arrecada. Que aquilo antigamente foi do... Foi pública, né, porque esses caras aí para trás, Dom João, não sei o quem mais.

ENTREVISTADOR: Lei de terras de 1830.

JAFETE ABRAHÃO: É, dava terras para os caras virem e fazer... Alguns faziam, outros não faziam, iam embora. Esses aqui, então isso era como se fosse terra que devia ser devolvida. Não foi utilizada, porque não tem propriedade, não tem nada. Então arrecada a área. Arrecadada a área, ela é adquirida por esse cara que pediu.

ENTREVISTADOR: E ele pagava por isso, por essa terra?

JAFETE ABRAHÃO: Pagava, pagava preço de banana.

ENTREVISTADOR: Preço de banana.

ENTREVISTADOR: Mas propriamente a comissão da Ruralminas, que ia localmente fazer a análise, não se prestava a fazer uma análise de posseiros ou existência de outras pessoas ali?

ENTREVISTADOR: Só analisava o documento.

ENTREVISTADOR: Só a questão de mensuração e... Uhum.

JAFETE ABRAHÃO: Então tinha esse processo. Se tinha ou não tinha, não passava na preocupação deles. Cara comprava isso, preço de banana. Foi onde o José Resende também declarou uma área grande lá na Jaíba e comprou a preço de banana. Esse troço foi interessante, porque ele era fazendeiro...

ENTREVISTADOR: Uhum. Já tinha outras terras.

JAFETE ABRAHÃO: Não podia exercer, não podia ter outro tipo de profissão, que a não ser de delegado de polícia, que era tempo integral. E ainda a Ruralminas foi lá e fez um campo de aviação para ele.

ENTREVISTADOR: A Ruralminas que construiu?

JAFETE ABRAHÃO: Uma pista, né.

ENTREVISTADOR: Com dinheiro público?

JAFETE ABRAHÃO: É, como fez também, vocês lembram dessa encrenca danada que deu aí com o negócio do Aécio? Lá no aeroporto de...

ENTREVISTADOR: No aeroporto de Cláudio?

JAFETE ABRAHÃO: Hein?

ENTREVISTADOR: De Cláudio, é no Município de Cláudio.

JAFETE ABRAHÃO: De Cláudio. Quem é que fez a primeira pista lá? O Moacir.

ENTREVISTADOR: O Moacir Lopes.

JAFETE ABRAHÃO: É. Tinha lá, tal, não sei como é que o Moacir ficou sabendo. Nós tínhamos o, a Ruralminas estava ainda prestando trabalho lá no PATAPI. Não tinha, muita empreiteira e tal. Ele pediu uma dessas empreiteiras, o Tancredo costumava ir lá. Ele foi lá e fez a primeira pista. Cascalhou e tal, parará, parará. E é um negócio interessante. Ele

falou que o Tancredo disse que tinha sido presente de uma empreiteira. Tinha sido nada. Pagou. Aí, quando o Tancredo foi demitido, exonerado, tanto é que o Tancredo não exonerou direto, nomeou ele como conselheiro fiscal do banco do Estado, banco, não sei se era Banco do Estado já, Banco do Estado de Minas Gerais.

ENTREVISTADOR: Para Minas Caixa?

JAFETE ABRAHÃO: Não, do Banco do Estado de Minas Gerais, nomeou conselheiro.

ENTREVISTADOR: BEMGE, né.

JAFETE ABRAHÃO: É, do BEMGE. Só que quando, quem tinha que aprovar isso era o Banco Central. E o Moacir tinha dezenas de problemas tal. Então foi uma maneira, pior é que ele quis demitir, botar ele, fazer acusação contra ele, apresentar não sei o que.

ENTREVISTADOR: Ele ia levar esse caso.

JAFETE ABRAHÃO: Ele foi no Tancredo e mostrou: “isso aqui foi feito assim, assim, assim”. Então o Tancredo deu uma recuada. Mas o primeiro campo de aviação... Essa história toda começou com a Ruralminas.

ENTREVISTADOR: Começou com a Ruralminas. Porque já era uma prática cotidiana do Estado, né.

JAFETE ABRAHÃO: É, construiu e tal. A Ruralminas servia para isso quando devia servir para outras coisas.

ENTREVISTADOR: Facilitava a condição de fundação.

JAFETE ABRAHÃO: É, para grande, né. Para, não era instrumento, assim, de... Então declarada a área...

ENTREVISTADOR: Devoluta?

JAFETE ABRAHÃO: Ela era devoluta, arrecadava, virava terra pública. E como terra pública, ela fazia um chamamento para vender, mas só aparecia um cara, que era o cara interessado. Era um negócio muito fechado. E comprava a preços de banana, era preço...

ENTREVISTADOR: E aí a Ruralminas dava o documento final de propriedade?

JAFETE ABRAHÃO: Dava, o cara passava a ser...

ENTREVISTADOR: Proprietário.

JAFETE ABRAHÃO: Ia para o cartório, o cartório fazia, ela assinava a escritura.

ENTREVISTADOR: E legitimava o processo de expulsão de posseiros.

JAFETE ABRAHÃO: É, se tinha posseiro lá, era um cara que ia botar... Não era ela que ia botar para fora, era o proprietário que...

ENTREVISTADOR: Ela se isentava dessa questão.

JAFETE ABRAHÃO: É, ela não entrava nisso, não queria saber.

ENTREVISTADOR: E no Incra? Uma vez, o senhor atuou tanto no Incra nacional como estadual, né?

JAFETE ABRAHÃO: No Incra nacional, fui para lá em 85.

ENTREVISTADOR: Foi essa época que foi criado o MIRAD?

JAFETE ABRAHÃO: Foi.

ENTREVISTADOR: Foi criado o MIRAD, o Ministério de Reforma Agrária.

JAFETE ABRAHÃO: Ministério de Reforma Agrária.

ENTREVISTADOR: Extraordinário de Reforma Agrária.

JAFETE ABRAHÃO: Foi para lá um cara indicado pela igreja.

ENTREVISTADOR: Sim, era o...

JAFETE ABRAHÃO: Nelson não sei do quê lá, do Pará. A gente desconfiou muito dele, mas ele tinha uma formação cristã muito grande e levou para o Incra o José Gomes, lá de São Paulo.

ENTREVISTADOR: José Gomes da Silva.

JAFETE ABRAHÃO: José Gomes da Silva, que tinha feito, tinha participado da construção, elaboração do Estatuto da Terra, que por incrível que pareça...

ENTREVISTADOR: O antigo, né.

JAFETE ABRAHÃO: Feito no Governo militar e foi muito, era muito melhor do que o que foi feito na Assembleia Constituinte. A questão da terra na Constituição, da constituinte de 88...

ENTREVISTADOR: De 88?

JAFETE ABRAHÃO: Foi muito mais conservador do que o dos militares.

ENTREVISTADOR: É, porque na verdade o José Gomes, ele tinha construído essa proposta era para o Goulart, para o João Goulart, né?

JAFETE ABRAHÃO: É.

ENTREVISTADOR: Que não conseguiu, não conseguiu, antes do golpe, não conseguiu publicar. Não conseguiu.

JAFETE ABRAHÃO: Não conseguiu, é, e talvez ele tenha, é.

ENTREVISTADOR: Aí os militares pegaram.

JAFETE ABRAHÃO: Era fantástico. Nós fomos para lá, levou grandes pessoas, Moacir, é foda você não lembrar o nome das pessoas. Tinha um diretor lá, fundiário, que era o Moacir, eu não vou lembrar, o irmão dele... Deixa para lá. Mas nós tínhamos uma grande equipe lá de caras de esquerda no Incra. E nós conseguimos fazer um trabalho mudar as

feições do Incra. Nós chegamos lá, primeiro trabalho nosso foi fazer o primeiro, primeiro e único, né. Plano Nacional de Reforma Agrária.

ENTREVISTADOR: Seria o único.

JAFETE ABRAHÃO: Que era um documento necessário, né. Era uma exigência pelo estatuto da terra para que fosse feito qualquer coisa no campo da reforma agrária. Tinha que ter um plano nacional, para todo o país, né, envolvendo a questão da reforma agrária. Nós fizemos o primeiro PNRA, enfrentamos muita resistência. A reforma agrária no Governo, no início do Governo Sarney. Sarney foi até um cara honesto nessa área. Ele manteve as escolhas do Tancredo. O Tancredo tinha sido muito pressionado pela igreja nessa questão da reforma agrária. E a indicação do Nelson foi inclusive da CNBB. Então nós estávamos... O grupo que foi para lá, era um grupo para fazer a implantação da reforma agrária no país. Foi criado o Ministério, deram vários, várias frentes para o Incra atuar, nós fizemos o primeiro como publicação oficial, vocês devem conhecer isso. Foi publicado pela primeira vez um livro sobre todos os conflitos...

ENTREVISTADOR: Os relatórios, né?

JAFETE ABRAHÃO: Conflitos fundiários e mortes. Foi feito isso em 1986, mais ou menos.

ENTREVISTADOR: Isso pela MIRAD, né?

JAFETE ABRAHÃO: Foi.

ENTREVISTADOR: O senhor tem esse documento?

ENTREVISTADOR: A gente tem lá.

ENTREVISTADOR: O do MIRAD?

ENTREVISTADOR: É.

ENTREVISTADOR: Porque tem os da CPT que é uma coisa e esse é outra.

ENTREVISTADOR: Não, a gente tem (trecho incompreensível). Nós temos.

JAFETE ABRAHÃO: Eu tive o prazer de, de...

ENTREVISTADOR: Eram anuais, né, foram pelo menos três.

ENTREVISTADOR: Chama Conflitos de Sangue.

ENTREVISTADOR: Se eu não me engano, três ou dois foram feitos.

ENTREVISTADOR: Dois.

JAFETE ABRAHÃO: Acho que dois.

ENTREVISTADOR: 02.

JAFETE ABRAHÃO: E o importante é que tinha a chancela do Governo Federal.

ENTREVISTADOR: Sim.

JAFETE ABRAHÃO: Então aquelas mortes ninguém queria reconhece, o Governo estava dando uma declaração formal de que aconteceu.

ENTREVISTADOR: Porque ninguém queria reconhecer.

JAFETE ABRAHÃO: Um cara lá que era fantástico trabalhando nessa área, uma ligação lá na... A gente começou a trabalhar na, nessa questão do PNRA. Mas a gente também achou que nós começamos a dar passos um pouco maiores do que as nossas pernas. A gente achou que era um governo, acabou a Ditadura, que esse era um governo, né. Aceitou o MIRAD, aceitou o ministro, aceitou o presidente do Inbra, presidente do Inbra que convidou seus diretores. A gente achou que estava com a corda toda, né.

ENTREVISTADOR: Uhum.

JAFETE ABRAHÃO: Então um dos primeiros atos foi declarar uma região de, área prioritária para reforma agrária, um negócio meio louco, né. Com tanto lugar para você mexer, você vai lá para o Paraná, Santa Catarina, declaro uma área.

ENTREVISTADOR: De interesse?

JAFETE ABRAHÃO: De interesse. Para a reforma agrária. Como é que chama aquela cidade de Santa Catarina, uma das maiores cidades de Santa Catarina?

ENTREVISTADOR: Chapecó?

JAFETE ABRAHÃO: Não. Cacete! Vocês me perdoem, viu, gente? Eu falei para vocês, que muita coisa eu...

ENTREVISTADOR: Sem problema.

JAFETE ABRAHÃO: Isso aqui, nós declaramos um período que envolvia inclusive uma cidade que é a maior cidade lá de Santa Catarina.

ENTREVISTADORA: Mas qual foi o significado disso? Vocês declararam, né...

JAFETE ABRAHÃO: Foi para fazer um projeto de assentamento de reforma agrária.

ENTREVISTADOR: E o que aconteceu que o senhor está levantando essa questão?

JAFETE ABRAHÃO: Nós tínhamos a imprensa toda contra nós. Eu saía daqui para lá, porque não tinha onde hospedar lá em Brasília, não tinha apartamento, ficava hospedado em hotel. Então toda sexta-feira eu pegava o avião à noite.

ENTREVISTADOR: Vinha embora.

JAFETE ABRAHÃO: Na segunda-feira cedinho, eu ia para Brasília. Eu não desmanchava a mala, e chegava lá as notícias.

ENTREVISTADOR: Eram tantas.

JAFETE ABRAHÃO: Era tanto que a gente estava sendo demitido, que o Sarney ainda vai demitir, que o Sarney vai fazer isso, que o Sarney vai fazer aquilo. Que houve tempo

de ser contra isso, a imprensa era a primeira a pegar. Olha, teve uns dois anos que ela... Nasceu inclusive a UDR. Nós mexemos com a estrutura fundiária do país. Para o bem e para o mal. Primeiro para despertar a possibilidade e a outra de...

ENTREVISTADOR: Despertar a reação?

JAFETE ABRAHÃO: É. Essa... O ministro, o chefe de gabinete militar.

ENTREVISTADOR: O gabinete institucional?

JAFETE ABRAHÃO: É. Era o Bayma, um general. Bayma chamou o Sarney lá e fez uma apresentação. Fez uma apresentação para ele da loucura que o Ministério estava fazendo ao declarar essa equipe. Que ia botar, e botou, né. Aquela região toda contra o...

ENTREVISTADOR: Contra o Governo Federal.

JAFETE ABRAHÃO: Governo Federal. E a gente deveria ter tido mais. Era com uma percepção assim, de que você primeiro, para você enfrentar um grande inimigo, você tem que se preparar, né. E (trecho incompreensível) para poder enfrentar. Você vai na... Achando que enfrenta, e não enfrenta, não dá conta. Eles mandam na imprensa, a imprensa toda, era dia que noite buscando erros nossos, né. Eu chegou uma segunda-feira lá cedo, eu tinha um carro chapa branca à minha disposição. Tinha um decreto do Sarney que, chapa de bronze era só para presidente de honra, alguns ministros, não sei o quê. Aí, chego segunda-feira no Incra, voltando do hotel, telefone pedindo carro. O cara falou: "Olha, o seu carro não está aqui, eu vou mandar o do presidente te buscar", "Ah, tudo bem." Nem preocupado. O cara que telefonou. Telefonou para a Veja...

ENTREVISTADOR: Para a imprensa.

JAFETE ABRAHÃO: Para a imprensa. Aí tirou fotografia minha e do procurador-geral saindo da porta do hotel e eu com o paletó na pasta. Carregando, assim, e eles fotografaram.

ENTREVISTADOR: A Veja?

JAFETE ABRAHÃO: A Veja.

ENTREVISTADOR: Já era a Veja?

JAFETE ABRAHÃO: Era. Aí eu cheguei lá no Incra e tal. A hora que eu acabei de entrar, esse mesmo cara que eu tinha telefonado chega lá, e ele era sobrinho de um filho do Sarney, parte lá da mãe. Ele era o meu subdiretor. "Tem um cara da imprensa querendo conversar com o senhor aí. Uma moça da Veja", "Conversar comigo?", "É.", "Nós tiramos uma fotografia do senhor, entrando em", vê o que que era essa loucura. E era uma segunda-feira, véspera de final de ano ou de Natal. Brasília não tinha absolutamente ninguém. E os bobos como eu estava lá trabalhando.

ENTREVISTADOR: Estava trabalhando.

JAFETE ABRAHÃO: É, “tiramos uma fotografia do senhor entrando no carro, Chapa de Bronze e o senhor não pode, porque tem o decreto Sarney e tal, o quê que o senhor tem a dizer?”, “Uai, eu não tenho nada a dizer. Você tirou a fotografia? Tirou. Eu não posso negar que não tirei, não fui visto no carro. Se eu contar outra história para você, não vai. A única coisa que eu posso argumentar é que o presidente estava afastado, está viajando e eu tenho isso aqui, que é eu substituo, na ausência do presidente, eu sou o diretor que o substitui.” Ela falou: “Não, mas isso aí, isso aí”, é tão filha da puta... “Não, isso aí é só para...” Não, ele tinha saído do Incra. “Isso aí é só para saídas eventuais. E o Incra eu não tem presidente e o senhor não foi indicado para responder pelo Incra”, “Então não tenho nada que dizer.” A primeira página, você tira a capa, uma fotografia minha e junto com o Juvenal, que era o...

ENTREVISTADOR: Já a Veja já era assim, né.

JAFETE ABRAHÃO: É. Ela fazia um papel terrível contra a gente. Fotografia grande, a matéria, então falando que eu tentei justificar e que não sei o quê, não sei o quê? Esse negócio é tão louco. Uns 15 dias depois eu vou no banco, eu vou no BNDES tratar de assunto de financiamento de projetos de reforma agrária. O presidente me recebe, eu entro. Ele fez igualzinho a você. “Eu te conheço de algum lugar”, “Não. Difícil, pouco tempo no Governo Federal”, “Mas eu te vi em algum lugar.” Eu bato o olho assim.

ENTREVISTADOR: A Veja.

JAFETE ABRAHÃO: A Veja está em cima da mesa. “Ah”, falei: “Ah!”

ENTREVISTADOR: “Você me viu na Veja aqui.”

JAFETE ABRAHÃO: Coisa louca. Aqui em... Aqui em Belo Horizonte que o pessoal me encheu o saco.

ENTREVISTADOR: Mas então aí...

ENTREVISTADOR: Depois o senhor se tornou de fato o presidente?

JAFETE ABRAHÃO: Não, de fato não. Não cheguei a ser presidente lá, não.

ENTREVISTADOR: Só diretor?

JAFETE ABRAHÃO: Só diretor.

ENTREVISTADOR: E você se recorda de algum projeto que o Incra fez nessa época em Minas Gerais?

JAFETE ABRAHÃO: Projeto de assentamento?

ENTREVISTADOR: É.

JAFETE ABRAHÃO: Vários.

ENTREVISTADOR: Vários?

JAFETE ABRAHÃO: Vários.

ENTREVISTADOR: E como que... Você explicou como chegava a demanda para a Ruralminas e havia, né, uma ação que não interessava. Mas quando chegava ao Incra?

JAFETE ABRAHÃO: Chegava o Incra?

ENTREVISTADOR: A demanda pela ação?

JAFETE ABRAHÃO: Chegava a demanda através do regional. O regional encaminhava para Brasília e lá saía o decreto.

ENTREVISTADOR: Uhum.

JAFETE ABRAHÃO: Então chegava aqui o decreto de desapropriação tal área. A parte operacional era feita pelo Incra regional.

ENTREVISTADOR: Hum, uhum.

JAFETE ABRAHÃO: É, eles que faziam.

ENTREVISTADOR: O estudo, tudo era um...

ENTREVISTADOR: Visita técnica?

JAFETE ABRAHÃO: Os estudos, a divisão de terra, tal. Parte técnica e tudo. Foi por isso que eu levei o Hugo. Vocês vão me desculpar, mas era assim. Levei... Era a Vera, não, Verona, Vera e Verinha.

ENTREVISTADOR: Na Ruralminas?

JAFETE ABRAHÃO: No Incra. Mulheres fantásticas, mas excessivamente democráticas. E tem alguma coisa que não dá, tem hora que não dá. O quê que se fazia. Tinha, no Norte de Minas tinha uma área grande, com vários posseiros. A área dava para assentar todo mundo. Então a primeira coisa, o pessoal criou cooperativas, várias associações. Então era um processo democrático de escolha. Começava a discutir como é que ia ser feito, aonde é que ia ser feito aquilo, como é que seria a divisão, como é que seria o assentamento, tal. E tinha prazo. E as meninas não conseguiam fechar, porque cada associação puxava para o seu lado, então ficava aquele...

ENTREVISTADOR: Sem resolução.

JAFETE ABRAHÃO: Sem resolver. Então não adianta. A situação piorando, o pessoal. A gente tinha um determinado, a gente recebia do Governo Federal recursos para bancar enquanto fazia o assentamento, pagasse a mínimo alimentação, não sei o que. E aquilo era escasso, né. Tinha uma finitude. Eu não consegui. Eu lembro desse projeto especificamente. Não consegui aprovar o projeto...

ENTREVISTADOR: Sabe o nome dele?

JAFETE ABRAHÃO: Hein?

ENTREVISTADOR: Sabe o nome da fazenda desse projeto?

ENTREVISTADOR: Qual a região? Falou Norte, mas mais ou menos...

JAFETE ABRAHÃO: Norte, para o lado de...

ENTREVISTADOR: Noroeste?

JAFETE ABRAHÃO: É Noroeste.

ENTREVISTADOR: Vale do Jequitinhonha...

JAFETE ABRAHÃO: Alto...

ENTREVISTADOR: Alto Paranaíba...

JAFETE ABRAHÃO: Não, no Baixo Jequitinhonha.

ENTREVISTADOR: No Baixo Jequitinhonha.

JAFETE ABRAHÃO: É perto de, perto de Araçuaí.

ENTREVISTADOR: Baixo Jequitinhonha.

JAFETE ABRAHÃO: É, porque Jequitinhonha alto aqui, depois vai abaixando, Médio Jequitinhonha, depois Baixo Jequitinhonha lá perto do mar. Era uma gleba boa, fazenda boa. E não conseguia fazer assentamento. Pessoal ficou um tempão com esse troço. Aí, o quê que eu fiz? Chamei o, esse... O Hugo, que tinha experiência de construção de estrada. Chamei o Hugo, falei: "Hugo", chamei as meninas e falei: "Olha, o Hugo vai com vocês nessa reunião. Está muito bom, está ótimo, mas vocês estão, não tem prazo mais para discutir. Ou fecha um projeto ou nós não vamos dar conta. E não dando conta, a primeira coisa que eles vão fazer, vão tirar daqui", "Ah, mas não podemos, que não sei o quê." Eu falei: "Vai lá, vai". Antes dele ir, eu falei: "Hugo, você chega lá, você dá um prazo para os caras, para as associações. Senão fechar até tal data..."

ENTREVISTADOR: O Incra vai decidir.

JAFETE ABRAHÃO: "O Incra, esse projeto... Fim dos 15 dias, entram as máquinas, sem choro e nem vela." Começou a reunião, ele, as meninas...

ENTREVISTADOR: Tentando mediar.

JAFETE ABRAHÃO: Tal e ele pumba. 15 dias.

ENTREVISTADOR: Resolvido.

JAFETE ABRAHÃO: Resolveu o projeto. Porque tem hora que você tem, você tem que tomar decisão. Esse é um grande projeto que a gente, não sei como é que ficou lá. Que eu fiquei, eu sou muito...

ENTREVISTADOR: Mudando.

JAFETE ABRAHÃO: Mudo demais, né. Eu estava na Ruralminas um ano e pouco, fiquei no Incra um ano e pouco, o Incra eu não saí por vontade própria, eu fui exonerado.

ENTREVISTADOR: Por falar nisso...

ENTREVISTADOR: Mas aí foi exonerado lá e veio para cá?

JAFETE ABRAHÃO: É, exonerado, foi (trecho incompreensível) para cá.

ENTREVISTADOR: O Incra regional?

JAFETE ABRAHÃO: Incra regional.

ENTREVISTADOR: De Minas?

JAFETE ABRAHÃO: É.

ENTREVISTADOR: Que eu te conheci lá no Incra de Minas.

JAFETE ABRAHÃO: O Incra Nacional a gente deu, né, grandes avanços.

ENTREVISTADOR: Lançou também, além do plano nacional, os regionais, né. Eu me lembro que foi criado o plano regional de reforma agrária.

JAFETE ABRAHÃO: É, eu vim trabalhar, trabalhei no federal lá, no nacional. Vim para cá, regimentamos um belíssimo grupo de pessoal de esquerda. Fizemos um belo programa, plano regional da reforma agrária, dentro das diretrizes contidas no...

ENTREVISTADOR: No plano nacional.

JAFETE ABRAHÃO: No plano nacional. Aqui também eu fui convidado a sair.

ENTREVISTADOR: É, por falar nisso, por ser convidado a sair, exonerado, nós vimos, por exemplo, recortes periódicos mencionam a questão do SNI, que denunciava a questão de infiltrados no Incra.

JAFETE ABRAHÃO: É, eu vou te contar uma história.

ENTREVISTADOR: O senhor poderia contar sobre essa época?

JAFETE ABRAHÃO: Sim. Eu vou te contar uma história...

ENTREVISTADOR: Luiz Márcio Magalhães Gomes, por exemplo, que foi um dos visados?

JAFETE ABRAHÃO: É, olha aqui. O pessoal da, o pessoal da confederação nacional da agricultura, eles eram inteiramente contra o Incra, aquele Incra que a gente estava criando, porque o Incra anteriormente, o quê que ele fazia? Ele ficava dando medalhas para o fazendeiro, para fazendeiros com produtividade, não sei o quê, né. O Incra nunca teve essa vocação social de termos de reforma agrária. Ele era ligado mais à colonização. Instituto Nacional de Colonização... Não é? Era... Não tinha nem reforma agrária no nome.

ENTREVISTADOR: Então quando o senhor chegou, o senhor identificou também a semelhante com a Ruralminas, né, uma questão mais ligada...

JAFETE ABRAHÃO: A mesma coisa ou seja, a Ruralminas era baseada no Incra, né.

ENTREVISTADOR: Uhum.

JAFETE ABRAHÃO: O Incra, tanto é que quando a gente foi criado, né, o MIRAD, a gente queria que tivesse o nome. Não, acho que o Incra também tem, não tem?

ENTREVISTADOR: Tem, é Colonização e Reforma Agrária, né.

JAFETE ABRAHÃO: É, o Incra tem reforma agrária sim, desculpa.

ENTREVISTADOR: É, mas não era o foco?

JAFETE ABRAHÃO: Não era o foco.

ENTREVISTADOR: Só estava no nome.

JAFETE ABRAHÃO: Era muito mais voltado para a colonização. Eram os grandes projetos que tinham. O Incra tinha projeto lá no Pará, grandes projetos, né. E aonde morreu, inclusive, e eu acredito piamente que foram, não foi acidente, explosão de um avião em que estava o ministro da reforma agrária, o presidente do Incra, o secretário-geral do MIRAD e mais dois ou três técnicos.

ENTREVISTADOR: Hoje em dia esse negócio de acidente de avião...

JAFETE ABRAHÃO: Esse avião caiu lá no Pará, sem nenhuma explicação.

ENTREVISTADOR: Isso ocorreu quando? O ano pelo menos?

JAFETE ABRAHÃO: 1985, 86. 87, isso foi em 87.

ENTREVISTADOR: Eu lembro.

JAFETE ABRAHÃO: Foi 1987.

ENTREVISTADOR: Mas o senhor comentou isso justamente quando eu lhe perguntei, né, sobre a questão do SNI, de contratos.

JAFETE ABRAHÃO: Ah, sim! Então deixa eu falar uma, contar uma história para vocês. O Incra era tido e havido como um covil de comunistas, né. O pessoal da confederação nacional de agricultura, eles, (trecho incompreensível) Incra tem comunista de carteirinha, e quando eles falavam comunista de carteirinha era o Luiz Marcos Magalhães Gomes, que ele era do PCdoB e tal. E foi sempre um dos caras, né, um dos maiores batalhadores que tem pelas reformas estruturais e voltado para...

ENTREVISTADOR: Que estava, que era delegado regional do Incra aqui em Minas Gerais.

JAFETE ABRAHÃO: Ele foi, aqui nós conseguimos colocar, eu estava em Brasília, tanto é que eu vim dar posse a ele aqui.

ENTREVISTADOR: Você o colocou?

JAFETE ABRAHÃO: É, forcei a barra lá para ele, né. Tinha as indicações dos movimentos populares, nós conseguimos colocá-lo aqui. Depois, quando eu saí, e ele foi para lá. Aí ele pressionou lá para que eu fosse diretor regional daqui.

ENTREVISTADOR: Daqui.

JAFETE ABRAHÃO: É uma figura humana, vocês chegaram a entrevistá-lo?

ENTREVISTADOR: Não.

JAFETE ABRAHÃO: Ah, valeria a pena.

ENTREVISTADOR: Não encontrei, eu precisava do contato dele, né. Tentei de toda forma.

JAFETE ABRAHÃO: Eu não sei se ele vai querer falar, mas eu vou dar uma ligada para ele.

ENTREVISTADOR: O senhor comentou sobre essa questão, que você precisava conversar com ele, para saber se ele...

JAFETE ABRAHÃO: Eu não fiz isso, não, né.

ENTREVISTADOR: Tudo bem, mas continuando a história.

ENTREVISTADOR: A CNA não gostava do Incra?

JAFETE ABRAHÃO: É, claro.

ENTREVISTADOR: Esse Incra aí, né. Do seu tempo?

JAFETE ABRAHÃO: É um troço de, nós demos uma guinada no Incra, tava conversando em reforma agrária. E tudo que eles não queriam era isso.

ENTREVISTADOR: Uhum.

JAFETE ABRAHÃO: O Incra tinha algumas passagens interessantes. É aí que eu vou chegar nesse ponto. A gente conseguiu, graças ao Ministro e ao presidente do Incra, a gente conseguiu que os financiamentos, ou as... Não, a aprovação de projetos para liberação de recursos da SUDENE, da área da SUDENE, o Incra tinha que ser ouvido. Porque a SUDENE tinha área agrícola, né. Fundiária e tal. E ela financiava grandes plantações e tal. E tinha o problema do trabalho escravo. Tinha um problema de posses. Posseiros. Então o Incra vetava, nós mandávamos uma equipe da regional vistoriar a fazenda e relacionava que tem posseiro, levava fotografia, tal. Que mandava isso para a SUDENE, e a SUDENE não liberava os incentivos fiscais. Então nós estávamos com um baita poder na mão. E aí aconteceu um fato seguinte. O irmão do CHICO Anysio era um grande latifundiário lá no Nordeste. Ele pleiteou a liberação entre o financiamento, liberação de recursos por parte da SUDENE, a SUDENE mandou para nós, mandamos

para lá, tinha posseiros, tinha trabalho escravo. Tinha posseiro, tinha trabalho escravo, e demos o parecer contrário. Aí o quê que ele faz? Ele contratou... Contratou o Mesquita. Mesquita era o secretário de imprensa do Sarney. Mesquita telefona para o ministro pedindo para mudar o parecer para ser parecer favorável. O ministro vetou. Aí ele deu uma declaração de que ele tinha informação de que o Incra era um covil de comunista, e que tinha esse levantamento. Antigamente, nos ministérios, tinha uma, herança da Ditadura, tinha uma, um órgão de... Ligado diretamente ao SNI para...

ENTREVISTADOR: Mapear?

JAFETE ABRAHÃO: Mapear a conta.

ENTREVISTADOR: Monitorar.

JAFETE ABRAHÃO: Eu esqueci o nome desse troço. Mas tinha, nos ministérios, principalmente da reforma agrária, tinha mais uns três ou quatro caras.

ENTREVISTADOR: Cada órgão tinha?

JAFETE ABRAHÃO: Tinha.

ENTREVISTADOR: (trecho incompreensível) universidade também, a ESE?

JAFETE ABRAHÃO: Tinha, como é que chamava, eu esqueci o nome. Era, que reportava diretamente ao SNI.

ENTREVISTADOR: A ASA e a ESE?

JAFETE ABRAHÃO: Hein?

ENTREVISTADOR: A ASA e a ESE.

JAFETE ABRAHÃO: Não.

ENTREVISTADOR: Mas esse já era um período do Sarney então, deve ter mudado de nome.

ENTREVISTADOR: Mas provavelmente ainda permaneceu, porque o SNI continuou atuando.

JAFETE ABRAHÃO: É, ainda continuou lá com o mesmo nome.

ENTREVISTADOR: Continuava atuando.

JAFETE ABRAHÃO: Ou não, mudou. Acho que mudou o nome no Sarney, é, acho que mudou.

ENTREVISTADOR: Mudou o nome, mesmo manteve o órgão.

JAFETE ABRAHÃO: Porque o SNI também mudou de nome, né. Na época do Sarney?

ENTREVISTADOR: Não, ainda continuou, foi extinto no Collor. Como SNI mesmo.

JAFETE ABRAHÃO: É.

ENTREVISTADOR: E com o general, no caso.

JAFETE ABRAHÃO: É, tinha informações de todos os nós lá dentro.

ENTREVISTADOR: Até pela militância do senhor...

JAFETE ABRAHÃO: Claro. Eles conhecia a nossa história, que quando você vai ser nomeado, você manda um currículo, né. E você vai mandar o currículo, você conta sua história toda, “eu fiz isso, fiz aquilo, não sei o quê”. E o SNI tem essas informações.

ENTREVISTADOR: Uhum.

JAFETE ABRAHÃO: Eu lembro quando o cara me chamou para ser diretor da Florestal aqui em Belo Horizonte, aqui em... Era um general, tinha sido o SNI. Quando eu cheguei lá, estava conversando com ele, e falei: “Olha, eu vou dizer uma coisa para o senhor. Eu sou contra a revolução. Sou atuante. Tenho participação e sou presidente da Sociedade dos Economistas de Minas Gerais, que tem dado pronunciamento duros contra a Ditadura”. Ele olhou para mim, forçou assim, falou: “De onde é que o senhor acha que eu vim? O senhor está achando eu sou bobo. Eu conheço a história, tenho seu currículo.”

ENTREVISTADOR: Então porque mesmo assim convidou ele para, a Acesita tinha algum propósito ou um general te procurava?

JAFETE ABRAHÃO: Não. Era emprego para ele.

ENTREVISTADOR: Era uma capacidade técnica que tava...

JAFETE ABRAHÃO: Ele não era general, ele era... Não tinha nada a ver com a Acesita. Ele era, ele, né. Ele era um coronel.

ENTREVISTADOR: Coronel.

JAFETE ABRAHÃO: É. Ele... Levavam o meu nome para ser diretor. Ele tinha substituído o Francelino. Não, ele foi substituído pelo Francelino depois. Ele, estava na Ditadura ainda, ele foi e me chamou para ser diretor indicado. Eu conheci o pessoal da Acesita, eu, aliás, era empregado da Acesita. Nós estávamos fazendo um belo trabalho na Florestal. Um belo trabalho lá no Jequitinhonha, no Vale do Rio Doce.

ENTREVISTADOR: Mas belo em que sentido?

JAFETE ABRAHÃO: Hein?

ENTREVISTADOR: Belo em que sentido?

JAFETE ABRAHÃO: De ajuda à população local. No Rio Doce...

ENTREVISTADOR: Ah, o senhor comentou a questão dos hospitais.

JAFETE ABRAHÃO: É, no Rio Doce, quando chegamos lá, os meninos de, pessoal que trabalhavam nas fazendas da Acesita, tudo barrigudo, tudo...

ENTREVISTADOR: Com verme.

JAFETE ABRAHÃO: Germe, tudo, como é que chama? Germe não, é...

ENTREVISTADOR: Barriga d'água?

JAFETE ABRAHÃO: Eles chamam de barriga d'água, mas é...

ENTREVISTADOR: Falo da questão da implantação.

JAFETE ABRAHÃO: Dois anos, dois anos com esse trabalho do pé descalço, né. Trabalhar com água, não sei o quê? Programa de limpar boca, escovar dente. As pessoas não tinham o hábito, então a gente podia pelo menos para gargarejar e bochechar com água de sal.

ENTREVISTADOR: É, eu menciono o Luiz pela questão dos impactos também da Florestal-Acesita, né, e outras empresas voltadas para a questão do reflorestamento e etc. Sobre a questão da terra também.

JAFETE ABRAHÃO: Sim.

ENTREVISTADOR: Dos posseiros.

JAFETE ABRAHÃO: Isso é que eu te falei, né. Esse foi um conflito pessoal nosso. Época da Ditadura. Hoje arquitetava, era o tal do pragmatismo, sabe?

ENTREVISTADOR: Minimizar os danos?

JAFETE ABRAHÃO: É, ou a gente tenta fazer alguma coisa ou não faz nada.

ENTREVISTADOR: Uhum.

JAFETE ABRAHÃO: É isso, a posteriori é um negócio triste. Todo mundo acha que você é oportunista.

ENTREVISTADOR: Mas voltando a questão do SNI, o senhor começou a contar a história.

JAFETE ABRAHÃO: Sim.

ENTREVISTADOR: Então é esse conflito, né, relacionado ao irmão do **CHICO** Anysio que deu origem a todas as denúncias voltadas para o caso do Inbra, né.

JAFETE ABRAHÃO: Sim. E a gente tinha sempre pressões, né. O ministro quando caiu foi um função disso. O José Gomes quando caiu, ele escreveu um livro assim, chamado Caindo por Terra. Tem duplo sentido, né. Caiu ali, foi demitido, exonerado.

ENTREVISTADOR: E caiu por terra por causa da terra.

JAFETE ABRAHÃO: Caiu por causa da terra.

ENTREVISTADOR: E o senhor foi um dos casos nos efeitos colaterais nessa época também?

JAFETE ABRAHÃO: Como é que é?

ENTREVISTADOR: Os efeitos colaterais por causa disso também?

ENTREVISTADOR: Você caiu por causa disso também?

JAFETE ABRAHÃO: Ah, cá. O Leopoldo Mesquita foi o seguinte. Ele deu essa declaração. Antes, quando ele estava na diretoria regional, lá na diretoria, ele queria fazer uma campanha publicitária, gastar 20 milhões na época, eu não sei qual moeda que era.

ENTREVISTADOR: Uhum.

JAFETE ABRAHÃO: Era um bocado de dinheiro. E ele queria que a gente pegasse um contrato de uma agência de publicidade do Incra, que já tinha esgotado, tinha um valor irrisório, não podia ser não aditado. Ele falou que o presidente tinha mandado aditar com o valor de 20 milhões, que o Governo precisava fazer uma campanha para esclarecer que a reforma agrária não era um bicho de sete cabeças, que não era assim do jeito que estava sendo colocado e tal. Aí eu, o Ministro mandou para mim, eu falei: “Olha, isso daqui é fria. Esse contrato não pode ser retomado, ele já venceu. Não pode ser aditado e eu sou contra. Se o senhor concordar comigo.” Ele falou: “Você vai falar com ele para mim?” Eu falei: “Vou.” Peguei o procurador-geral e fomos lá. Levei o diretor de planejamento. Ele não nos quis receber. Mandou um borra-bosta lá, nós explicamos para o cara e que a palavra, a última era “não vamos fazer”. Era... Eu esqueci o nome da campanha. É uma pena. Eu fui o porta-voz, falei. Isso tinha acontecido anteriormente. Com essa declaração dele, eu fui ao Ministro e falei: “Eu posso falar isso assim e assim?” O ministro: “Pode. Você arca com as consequências?”, “Arco, mas o senhor me dá cobertura?”, “Eu dou.” Eu chamei um jornalista fantástico que trabalhava no Jornal do Brasil, daqui de Minas, e hoje ele escreve lá no Nacif.

ENTREVISTADOR: Luís Nacif?

JAFETE ABRAHÃO: É, ele escreve lá no GGN, Roberto Amaral. Coisa fantástica, é um cara que vocês deveriam entrevistar viu? Eu não sei se ele está em Minas.

ENTREVISTADOR: Por quê?

JAFETE ABRAHÃO: Porque ele foi jornalista, cobriu essas áreas todas aí de...

ENTREVISTADOR: Roberto Amaral?

JAFETE ABRAHÃO: É.

ENTREVISTADOR: O senhor tem o contato dele?

JAFETE ABRAHÃO: Não, eu posso ver depois.

ENTREVISTADOR: Ele escreve até hoje no GGN?

JAFETE ABRAHÃO: Escreve. Ele escreveu, eu acho que anteontem, tem um artigo dele no GGN.

ENTREVISTADOR: Então o senhor chamou para fazer uma matéria sobre?

JAFETE ABRAHÃO: Sobre essa história do Mesquita. Mesquita era carne e unha com o Sarney. Até há pouco tempo, ele estava como assessor do Sarney no senado. Aí eu dei uma declaração explosiva, dizendo que o Mesquita tinha tentado nos cooptar, falando em nome do presidente, e a equipe tinha certeza de que o presidente não ia cometer uma ilegalidade. Claro que eu tinha que falar isso. Não deu outra. Saiu a matéria. Ele exonerou o Mesquita e me exonerou.

ENTREVISTADOR: Também?

JAFETE ABRAHÃO: É.

ENTREVISTADOR: Como foi essa situação da exoneração do senhor?

JAFETE ABRAHÃO: Como é que foi?

ENTREVISTADOR: É, um ato ou foi algum documento.

JAFETE ABRAHÃO: Não faz mal algum. É um ato dele, que ele assina.

ENTREVISTADOR: Exonera.

JAFETE ABRAHÃO: Nomeia, tem a nomeação e a exoneração. Não sei se eu tenho esse fato.

ENTREVISTADOR: Mas tinha essa motivação política, né.

JAFETE ABRAHÃO: É, não tinha nada, não tinha que declarar nada. “Nomeei fulano de tal como presidente, exonero”, nada, só isso. Exonerou, exonou. Porque você ocupa um cargo de confiança, seu cargo de confiança...

ENTREVISTADOR: Ser nomeado e exonerado a qualquer tempo.

JAFETE ABRAHÃO: Qualquer tempo, sem justificativa.

ENTREVISTADOR: Podemos dizer que este fato foi na verdade um pretexto, mas toda essa...

JAFETE ABRAHÃO: É, eu acho que já tinha, já tinha.

ENTREVISTADOR: Já existia em cima do trabalho de vocês.

JAFETE ABRAHÃO: Ele tinha um gabinete militar, que era muito efetivo nessa questão de acompanhamento da reforma agrária, que era General Bayma, né. Ele era o chefe do gabinete militar, e a gente fez por também, por enfrentamento sem ter... A gente conhecia o Sarney. A gente sabia que o Sarney, ele ia até um determinado ponto. Ele não ia avançar. A hora que viesse as pressões, ele, igual balão: furou, esvaiu.

ENTREVISTADOR: Essa aqui a questão, né.

JAFETE ABRAHÃO: Lista negra. Ah, isso aqui é o general, né. De quando que é isso, hein?

ENTREVISTADOR: Deixa eu ver precisamente.

JAFETE ABRAHÃO: Seis demitidos. Está aqui, eu estou aqui. Como é que vocês arrumaram isso?

ENTREVISTADOR: Elas são investigadoras.

JAFETE ABRAHÃO: “Os funcionários do Incra relacionados pelo dossiê, esses aí eles não trabalham, não. Não acredito que isso tenha alguma relação com a minha demissão, diz o ex-diretor... Antigo militante da Ação Popular... Segundo o presidente do Incra, essa lista nunca passou... Pautou demissões. Claro que foi. O presidente até promoveu uma integração na lista, promoveu integrantes em uma lista, lembrando da nomeação de Luiz Marques Ampur, ex-condenado pela Lei de Segurança e Ação pela diretoria de cadastro de informática. Nelson Vieira também nega a influência dos (trecho incompreensível)” Nunca vi esse documento. Nelson Ribeiro, está vendo aqui.

ENTREVISTADOR: O senhor já viu esse documento?

JAFETE ABRAHÃO: Não.

ENTREVISTADOR: Qual documento que é citado na reportagem?

JAFETE ABRAHÃO: Hein?

ENTREVISTADOR: Qual documento que é citado na reportagem?

JAFETE ABRAHÃO: Esse documento citado aqui, o.

ENTREVISTADOR: Hum?

JAFETE ABRAHÃO: “Documento revelado semana passada pela Folha de São Paulo sugere que o Serviço Nacional de Informação permaneceu inabalável, né... Trata-se de um relatório sobre o passado político de três funcionários, (trecho incompreensível) na execução do plano nacional de reforma agrária. Foi entregue ao presidente... Quando militantes, simpatizantes das facções comunistas, ativistas de esquerda infiltrados no Ministério. Ele informou ao Governo... De acordo com a geral, Ivan de Souza Mendes, chefe do SNI, o relatório foi elaborado com uma precaução contra possível manipulação ideológica no projeto de reforma agrária.” O povo filho da puta mesmo, tudo para falar. As pessoas citadas eram muitas. Eu não sabia dessa matéria, não.

ENTREVISTADOR: Onde você achou essa matéria?

ENTREVISTADOR: Eu estava procurando um tempo atrás sobre isso, tem na internet.

JAFETE ABRAHÃO: Olha aqui, se você botar meu nome lá, o que eu dava de entrevistas...

ENTREVISTADOR: O senhor pegou o...

ENTREVISTADOR: Nossa, tem muita.

ENTREVISTADOR: A folha corrida do, a sua ficha, a sua ficha, você pegou lá no SNI?

JAFETE ABRAHÃO: Não.

ENTREVISTADOR: Agora é ABIN, né. Associação Brasileira de Informações.

ENTREVISTADOR: O senhor não puxou?

JAFETE ABRAHÃO: Eu? Eu não.

ENTREVISTADOR: Não quer. Eu tenho 12 páginas só de resumo.

JAFETE ABRAHÃO: Você tem a minha lá?

ENTREVISTADOR: Imagina o senhor. Você tem que requerer.

JAFETE ABRAHÃO: É um habeas data, né. Que chama?

ENTREVISTADOR: Não, é coisa simples. Você faz um formulário, que o senhor propriamente é muito mais fácil.

ENTREVISTADOR: No Ministério da Justiça, lá, tem o link lá.

JAFETE ABRAHÃO: Não quero saber, não.

ENTREVISTADOR: Quer não, né. Agora eu.

ENTREVISTADOR: Mas o senhor sabe, houve então um fato no qual o senhor, mineiro.

JAFETE ABRAHÃO: Sim.

ENTREVISTADOR: Foi afastado do cargo...

JAFETE ABRAHÃO: Fui.

ENTREVISTADOR: Por motivação política...

JAFETE ABRAHÃO: Política.

ENTREVISTADOR: Por tentar fazer o plano de reforma agrária que o Incra deveria atender...

JAFETE ABRAHÃO: Que tinha sido aprovado pelo presidente, né, e nós estávamos no sistema de implantação.

ENTREVISTADOR: E que estava mudando as práticas do Incra, né, nacionais, e foi retirado, né, do Incra.

JAFETE ABRAHÃO: É.

ENTREVISTADOR: O senhor falou um pouquinho, o senhor falou em um determinado momento da...

JAFETE ABRAHÃO: Deixa eu só dar uma justificativa aí. Esse presidente do Incra. O quê que tinha acontecido? Tinha morrido o ministro lá de Pernambuco naquele desastre lá que eu falei.

ENTREVISTADOR: De avião.

JAFETE ABRAHÃO: De avião. Ele era da família lá dos, como é que chama esse cara que é presidente do PSB? Foi ministro da cultura?

ENTREVISTADOR: Do campo?

JAFETE ABRAHÃO: Hein?

ENTREVISTADOR: Ricardo Freire?

JAFETE ABRAHÃO: Freire.

ENTREVISTADOR: Uhum.

JAFETE ABRAHÃO: Como que ele chama?

ENTREVISTADOR: Roberto Freire.

JAFETE ABRAHÃO: Roberto Freire. O cara era primo dele, tinha sido senador, não lembro o nome dele, e era um ministro.

ENTREVISTADOR: Mas que horrível confundir o nome, dá até vergonha. Que a cabeça vai...

JAFETE ABRAHÃO: É, o ministro morreu, o presidente do Inbra morreu. Então o Sarney chamou o Dante.

ENTREVISTADOR: Dante de Oliveira.

JAFETE ABRAHÃO: Dante de Oliveira para o presidente, que namorava com a esquerda. Ele tinha feito aquele projeto das diretas.

ENTREVISTADOR: Diretas Já.

JAFETE ABRAHÃO: Pelas Diretas Já, então ele foi chamado pelo Sarney para ser o ministro. Ele levou esse Iger Fricks que é lá do Paraná, que tinha uma passagem também com o pessoal que lidava com reforma agrária lá no Paraná, tinha um pessoal bom lá, e foi. A história desse pessoal que foi para o Inbra, era, o pessoal que foi para lá continuou sendo todos de esquerda. Ou seja, aquele documento serviu para a demissão, mas aí (trecho incompreensível).

ENTREVISTADOR: Ainda estava, né.

JAFETE ABRAHÃO: É, era do tamanho que voltou todo mundo de esquerda. Luiz saiu daqui, foi para lá. Eu saí de lá, vim para cá.

ENTREVISTADOR: Veio para cá.

JAFETE ABRAHÃO: Vários caras que foram para vários, a diretoria tinha posições favoráveis à reforma agrária e tal. A gente enfrentava, né. Mesmo que fosse, a gente não tivesse a efetividade que deveria ter, né.

ENTREVISTADOR: Mas fazia o papel do órgão naquele momento?

JAFETE ABRAHÃO: É, naquele momento.

ENTREVISTADOR: Que era de acolher.

JAFETE ABRAHÃO: A gente estava dando um encaminhamento, fizemos boas coisas. Demos muita força para a ABA, Associação Brasileira... ABRA, Associação Brasileira de Reforma Agrária. Foram, vários caras da ABRA foram ser diretores do Incra. Originários da ABRA. Teve um que foi presidente do Incra, mais para frente. Um desses governos aí. Eu estava na diretoria, quando o ministro foi o Jäder Barbalho. O Jäder foi ser ministro da reforma agrária. Então o negócio...

ENTREVISTADOR: Desandou.

JAFETE ABRAHÃO: Hein?

ENTREVISTADOR: Desandou. Então, eu queria...

ENTREVISTADOR: O quê desandou?

JAFETE ABRAHÃO: Hein?

ENTREVISTADOR: Vamos falar agora acho de, por exemplo, a Cida, a gente teve documento com o sindicato de Unai ir a Brasília levar a demanda para o Incra, né. São desapropriações.

ENTREVISTADOR: Não, a gente, vieram aqui primeiro, porque a Unai estava na regional aqui. Só mais tarde que foi para lá.

JAFETE ABRAHÃO: Essa água é minha? É, né?

ENTREVISTADOR: É. E o Jader (trecho incompreensível) ele... Você poderia comentar mais sobre a atuação do Incra diante desse conflito de terra, porque foi um primeiro passo reconhecer, pelos relatórios de conflitos, que havia violência no campo, que havia os conflitos de terra. E que havia reivindicação pela reforma agrária.

JAFETE ABRAHÃO: No plano regional tinha...

ENTREVISTADOR: O diagnóstico dos conflitos.

JAFETE ABRAHÃO: Tinha o diagnóstico desta, o pessoal todo de esquerda que trabalhou no plano nacional de reforma agrária. Coordenadora era do PCdoB.

ENTREVISTADOR: Uhum.

JAFETE ABRAHÃO: O pessoal vocacionado mesmo para a questão da reforma agrária.

ENTREVISTADOR: Uhum.

JAFETE ABRAHÃO: Então nós tínhamos todo o diagnóstico da situação daqui.

ENTREVISTADOR: De Minas.

JAFETE ABRAHÃO: De Minas. E foi, no estudo foi determinado as áreas prioritárias, né. Tinha demanda, uma grande demanda aqui, né, não podia deixar de ter. A gente não tinha o instrumental para fazer, mas tinha o instrumental para encaminhar. O pessoal nosso, uma determinada vez que foi lá na região do Pontal, os técnicos do Incra foram lá

para fazer uma vistoria em uma fazenda. Eles foram cercados dentro de uma, dentro de um curral, os técnicos do Incra. Chegou um amontoado de fazendeiro com, cercou o pessoal. O pessoal achava que não ia sair com vida dali.

ENTREVISTADOR: Uhum.

JAFETE ABRAHÃO: Não tinha uma...

ENTREVISTADOR: Uma pressão também.

JAFETE ABRAHÃO: Uma reação grande. A gente dava... O pessoal vinha para cá. O pessoal de Cachoeirinha, vou contar a história para vocês. O pessoal de Cachoeirinha. Ainda não tinha saído o diretor regional. É, não época não tinha saído. Eles vieram para o Incra, lá na, como é que chama lá?

ENTREVISTADOR: Sapucaí.

JAFETE ABRAHÃO: Na Sapucaí. Então tinha uma sala imensa, que era onde fazia reunião da comissão de reforma agrária. Essa é outro negócio interessante que essa comissão da reforma agrária, ele mudou ela inteiramente, né, o viés dela era para um lado.

ENTREVISTADOR: Por quê?

JAFETE ABRAHÃO: Hein?

ENTREVISTADOR: Por quê? Essa comissão...

JAFETE ABRAHÃO: Essa comissão que aprovava os grandes planos de, né. Os programas de assentamento, né. Botamos representação dos trabalhadores, né. O representante da universidade, a gente tirou um cara que era vocacionado para grandes projetos agrícolas, era de Viçosa, né. Botamos um outro professor que tinha vocação mais de reforma agrária, de pequenos produtores rurais. Esse é o primeiro trabalho.

ENTREVISTADOR: Uhum.

JAFETE ABRAHÃO: Aí veio um pessoal, vieram uns três ônibus de posseiros de...

ENTREVISTADOR: De Cachoeirinha.

JAFETE ABRAHÃO: De Cachoeirinha.

ENTREVISTADOR: Uhum.

JAFETE ABRAHÃO: Esqueci o nome do líder lá.

ENTREVISTADOR: Jader.

JAFETE ABRAHÃO: Javert.

ENTREVISTADOR: Jader de Paula.

JAFETE ABRAHÃO: É figura fantástica.

ENTREVISTADOR: Tinha o Jader, Seu Sula.

JAFETE ABRAHÃO: Era o mais velho. Vieram e queriam um lugar para ficar. Não, invadiram, golpe baixo, ocuparam.

ENTREVISTADOR: É, ocuparam. As famílias. O Inbra.

JAFETE ABRAHÃO: Para ameaçá-lo. Aí eu mandei preparar comida, marmiteira para o pessoal e tal. E tinha essa sala imensa. Aí eu precisava trabalhar, né. Aí cheguei perto, chamei ele lá na minha sala. “Vamos fazer um negócio? Minha sala só tem um banheiro, olha a quantidade de gente que tem aqui. Vem cá”, fui lá e mostrei a sala, outra sala para ele. “Tem quatro banheiros. Dá para você botar quase todo mundo aqui e tal. Tem aquela outra sala. Vou desocupar a minha sala.”

ENTREVISTADOR: Uhum.

JAFETE ABRAHÃO: Ele olhou para mim assim. Um negócio emocionante. “Aqui vocês vão ficar melhor acomodados.” Ele olhou para mim e falou assim: “Doutor, se a gente vir para cá, a gente não atrapalha o senhor, você nem vai lembrar que ele que está aqui.” Eles estavam na minha sala, eu não podia fazer nada, eu tinha que entrar lá na sala. A hora que eu propus para eles desocuparem a sala, “Aí a gente deixa de atrapalhar o senhor.”

ENTREVISTADOR: Vão ser esquecidos.

JAFETE ABRAHÃO: Vão ser esquecidos. “A gente já é esquecido lá, vem para cá e o senhor vai esquecer.” Falei demais. Então. Essa...

ENTREVISTADOR: Você já deve estar cansado também.

JAFETE ABRAHÃO: Sabe que me escapa muito detalhe, que eu sou um cara, o seguinte. Eu não entendo absolutamente nada de nada. Mas eu tenho uma visão, que o curso de economia me deu, política da situação, qualquer área que eu vou, eu me cerco com pessoal de confiança e competente.

ENTREVISTADOR: Uhum.

JAFETE ABRAHÃO: E passo a responsabilidade para os caras. Acompanho, cobro. Mas não sou o cara que faz, né. Tem um pessoal que faz, eu só...

ENTREVISTADOR: Orienta, né.

JAFETE ABRAHÃO: Dá a orientação. E tem uma coisa também que eu não concordo, é que a fama que eu tenho é muito maior do que eu. E muito, muito é mito, sabe? Não tem essa coisa de que eu fui isso, que eu fui aquilo. Eu ocupei uma quantidade danada de órgão. Algumas coisas eu participei e tal, mas você vê que as minhas lembranças são detalhes, assim, insignificantes.

ENTREVISTADOR: Não são insignificantes.

JAFETE ABRAHÃO: É, eu falo, eu conto a história do Jader, do Jader, Javert sei lá.

ENTREVISTADOR: E aí eles ficaram na sua sala?

JAFETE ABRAHÃO: Uai, permaneceram lá mais de, uns 20 dias. Tanto é que quando saiu a lei.

ENTREVISTADOR: O decreto.

JAFETE ABRAHÃO: O decreto de desapropriação da fazenda.

ENTREVISTADOR: Eles só saíram depois do decreto publicado?

JAFETE ABRAHÃO: O coronel?

ENTREVISTADOR: É.

JAFETE ABRAHÃO: O pessoal?

ENTREVISTADOR: O pessoal.

JAFETE ABRAHÃO: Sim, eles saíram porque tinham que sair para a gente poder fazer o, também acho que eles não saíram não, saíram?

ENTREVISTADOR: Não. Eles foram recebidos pelo Governador também, mas na verdade teve um evento lá mesmo, na época foi assinado o decreto.

JAFETE ABRAHÃO: Eu fui lá, eu fui lá. Não, o decreto daqui. Esse daqui não valeu. Foi toda pompa e circunstância, mas não valeu o decreto daqui.

ENTREVISTADOR: Que foi o que o senhor mencionou.

JAFETE ABRAHÃO: Foi o decreto.

ENTREVISTADOR: Porque não era federal, era estadual, né.

JAFETE ABRAHÃO: Porque a Constituição fala que para desapropriar...

ENTREVISTADOR: Tem que ser a União.

JAFETE ABRAHÃO: É, de exclusividade da União.

ENTREVISTADOR: Uhum.

JAFETE ABRAHÃO: Esse decreto foi festa, só. Não adiantou nada. Tanto é que o Tribunal...

ENTREVISTADOR: Desembargador cancelou o decreto.

JAFETE ABRAHÃO: Cancelou. E ele até me telefonou: “Olha, avisa para o Governador.” Eu falei: “Eu não preciso nem avisar.” Isso aí foi mais uma demonstração política dele, né, favorável aos...

ENTREVISTADOR: Aos posseiros.

JAFETE ABRAHÃO: Aos posseiros.

ENTREVISTADOR: Que inclusive negociou com o fazendeiro, porque a área foi desapropriada ali, que ele fez a negociação, eles tinham um determinado lugar, um número de hectares.

JAFETE ABRAHÃO: Quem que fez isso?

ENTREVISTADOR: O Tancredo.

JAFETE ABRAHÃO: Não. Não teve isso, não, ora.

ENTREVISTADOR: Fazendeiro. Teve, está na CPI inclusive, documentado.

JAFETE ABRAHÃO: De Cachoeirinha?

ENTREVISTADOR: De Cachoeirinha. Olha, ele fez a negociação com o fazendeiro, que o proprietário ali da área desapropriada e esse proprietário pôde escolher outra área de sua opção, inclusive melhor em fertilidade e com número maior de hectares. Desapropriar esse aqui.

JAFETE ABRAHÃO: E aí?

ENTREVISTADOR: E foi feita essa troca para aproveitar.

ENTREVISTADOR: E mesmo assim o decreto não valeu. Olha que coisa. O cara ganhou.

JAFETE ABRAHÃO: Eu estou achando essa história... Sabe? Eu acho que valeria a pena dar, porque o ato de desapropriação disso só foi efetivo com o decreto do Presidente da República.

ENTREVISTADOR: Não. Sim, eu estou na época do Tancredo que foi feita essa negociação.

JAFETE ABRAHÃO: Eu não tenho lembrança disso. Só se foi feito na época do Moacir.

ENTREVISTADOR: Não. Isso foi na época do Tancredo, naquela época que teve a questão de Cachoeirinha, 82, 83. Foi.

JAFETE ABRAHÃO: Pois é, eu fui para a Ruralminas em 84.

ENTREVISTADOR: Isso. Então já tinha sido feito.

JAFETE ABRAHÃO: É, e eu desconhecia isso.

ENTREVISTADOR: Por isso o senhor desconhece.

JAFETE ABRAHÃO: Eu desconhecia isso.

ENTREVISTADOR: Mas aconteceu dessa forma a negociação. Só foi feita porque o proprietário pôde escolher a terra e um número maior de hectares.

JAFETE ABRAHÃO: Então tinha que desapropriar, ele foi desapropriado e ele foi pago o proprietário.

ENTREVISTADOR: Foi. Indenizado duas vezes.

ENTREVISTADOR: Exatamente.

ENTREVISTADOR: Ele recebeu duas vezes. Porque ele recebeu...

JAFETE ABRAHÃO: É, isso eu não sabia, não. Eu estava... Eu queria contar para vocês o seguinte, saiu o decreto. O pessoal já sabia. Eu fui, peguei a caminhonete do Incra, fui com o motorista e levei comigo o Paulo Rogedo.

ENTREVISTADOR: Uhum.

JAFETE ABRAHÃO: Gente, mas eles fizeram uma festa para mim lá. Eles tinham acabado de entrar na casa, eles abriram a porteira e entraram. Eles assumiram aquela mansão.

ENTREVISTADOR: Do Georgino, a gente foi na ocupação, fizemos as fotos. É uma mansão, de fato.

ENTREVISTADOR: É muito, deve ter sido muito emocionante.

JAFETE ABRAHÃO: Foi. Mas é de chorar.

ENTREVISTADOR: Você pode contar?

JAFETE ABRAHÃO: Porque aquilo era, aquilo era um negócio que vinha do meu tempo de estudante. Cachoeirinha. Se você buscar de quando que houve aquela invasão, vocês tem essa história?

ENTREVISTADOR: Temos.

JAFETE ABRAHÃO: De quando que é?

ENTREVISTADOR: O primeiro dos três deles é 64. Depois eles são despejados de novo em 67.

ENTREVISTADOR: Que é o massacre de fato em 67, muito maior, que é instalado uma fundição.

JAFETE ABRAHÃO: Foi quando o Josino foi para lá. É Josino, né.

ENTREVISTADOR: Georgino.

JAFETE ABRAHÃO: Georgino.

ENTREVISTADOR: Foi um despejo maior e que a violência foi instaurada ali.

JAFETE ABRAHÃO: Lembro disso, assim, quando estudante ainda.

ENTREVISTADOR: Ah, e o senhor (trecho incompreensível).

JAFETE ABRAHÃO: Hein?

ENTREVISTADOR: Isso chegou até vocês nessa época?

JAFETE ABRAHÃO: Chegou. A gente conhecia essa história. Aí você está querendo demais. A gente tem 60 anos. 60 anos, como é que eu vou lembrar?

ENTREVISTADOR: Não. Mas importa é que chegou.

JAFETE ABRAHÃO: Chegou a história, a gente conhecia.

ENTREVISTADOR: Tanto é que foram pessoas da AP mesmo lá. Por alguns (trecho incompreensível).

JAFETE ABRAHÃO: Então essa desapropriação foi assim, para nós, do movimento aqui de Minas, que lutava pela reforma agrária e tal.

ENTREVISTADOR: Foi marcante.

JAFETE ABRAHÃO: Foi marcante, né. Eu fiz questão de ir lá. Eu era o diretor regional do Incra. Fomos lá, eu e Paulo Rogedo. A caminhonete veio lotada de presente. Carne de sol...

ENTREVISTADOR: Frango.

JAFETE ABRAHÃO: Frango.

ENTREVISTADOR: Banana.

JAFETE ABRAHÃO: Feijão, banana, e não tinha jeito.

ENTREVISTADOR: Porque aquilo era muito simbólico, né. O retorno para a terra, né.

JAFETE ABRAHÃO: E abrir a porteira, entrar com o pessoal na casa.

ENTREVISTADOR: Nossa, imagina a emoção? Eu fiquei tão emocionada de ir lá naquela casa, imagina na hora?

JAFETE ABRAHÃO: É um negócio, sabe? E não morri na volta por milagre. Nós estávamos descendo, vinha a caminhonete, dando baixada. Passou uma carreta em uma velocidade danada e bateu numas pedras, ou foi pedra ou pressão que ela, do vento, a caminhonete balançou e o vidro estilhaçou. E veio no motorista e nós estávamos a cento e tantos quilômetros por hora. Veio no motorista, em mim, estava na frente, inclusive no Paulo Rogedo, cortou, veio sangue. E o motorista conseguiu controlar. O carro a 100 quilômetros, o vidro quebra, vai na cara do cara, o cara consegue controlar a direção. Ele chamava Jeová. Então acho que aí já. Já tem uma... Jeová e Jafete, né.

ENTREVISTADOR: Já tem uma relação.

JAFETE ABRAHÃO: Deve ter... Alguém falou: "Ó! Espera aí que esses caras ali... Seguram as pontas!"

ENTREVISTADOR: E vocês não estavam voltando de qualquer viagem, né?

JAFETE ABRAHÃO: Nossa mãe! Nós paramos, quando estava tirando os vidros, eu saí da caminhonete buscando alguma coisa, não sei. E estava andando assim, e o local tinha várias cruzes. Ou seja, ali era um local de acidentes, porque eram duas baixadas e esse carro veio em uma velocidade danada. E essa velocidade provoca um deslocamento de ar. Então se o carro for leve, ele sai da estrada. O nosso, que era uma caminhonete parruda, quebrou o vidro, trincou. Choveu, nós fomos até Montes Claros com, sem vidro.

ENTREVISTADOR: Sem vidro.

JAFETE ABRAHÃO: E os caquinhos que a gente não conseguia limpar, voando na gente. A gente teve que tirar a camisa, enrolar a blusa e tal. Mas foi...

ENTREVISTADOR: Emocionante.

JAFETE ABRAHÃO: É. Duas emoções de não ter morrido e de ter visto esse troço lá, né.

ENTREVISTADOR: Uhum. Cachoeirinha.

JAFETE ABRAHÃO: É. Bom, o que mais que vocês querem? Olha, eu acho que não teve nenhuma produtividade na entrevista.

ENTREVISTADOR: Eu gostaria de perguntar só mais uma coisa.

ENTREVISTADOR: A gente discorda.

ENTREVISTADOR: Teve muita produtividade, sim.

ENTREVISTADOR: Nossa, muito. Muito importante.

JAFETE ABRAHÃO: Não tinha a percepção de entender a atuação, as práticas na história da Ruralminas e do Incra. Ainda mais como o senhor tem uma posição de esquerda, ter levado isso para o Incra e Ruralminas, e a gente perceber que isso foi algo, vamos dizer assim, especial.

ENTREVISTADOR: Inovador, né.

ENTREVISTADOR: Que enfrentou um Estado de práticas anteriores, a gente não tinha esse registro, né. Porque a gente, quando o pessoal fala Ruralminas e Incra, mas entender a parte...

ENTREVISTADOR: Uma fala de um gestor, né.

ENTREVISTADOR: Do gestor que chegou, né. Seja antes do processo de corrupção do Moacir Lopes, entender todas as práticas internas da Ruralminas ou do Incra, né. Questão do plano nacional, plano regional. E isso a gente não tem como perceber se não for do depoimento de quem esteve lá.

JAFETE ABRAHÃO: E é um negócio, você vê que é interessante.

ENTREVISTADOR: Uhum.

JAFETE ABRAHÃO: Que manda quem pode, obedece quem tem juízo. Foi feita a CPI. Qual foi o resultado dela? Nenhum.

ENTREVISTADOR: É.

JAFETE ABRAHÃO: Nenhum. Nem os bens que o Moacir desviou...

ENTREVISTADOR: Foi retornado.

JAFETE ABRAHÃO: Foi retomado. As áreas que ele vendeu.

ENTREVISTADOR: Deu em nada.

JAFETE ABRAHÃO: Deu em nada. Ficou legitimado, legalizado, as áreas que ele vendeu indevidamente.

ENTREVISTADOR: Uhum.

JAFETE ABRAHÃO: As áreas que ele cedeu, e a CPI era para, sai...

ENTREVISTADOR: Apurar.

JAFETE ABRAHÃO: Apura, manda para o Ministério Público e...

ENTREVISTADOR: Devolve, né.

ENTREVISTADOR: Devolve os bens.

JAFETE ABRAHÃO: Deu em nada!

ENTREVISTADOR: Uhum.

ENTREVISTADOR: Mas de qualquer maneira foi importante...

JAFETE ABRAHÃO: Ah, não.

ENTREVISTADOR: Porque ficou na história. Ficou registrado que houve uma dilapidação do patrimônio público.

JAFETE ABRAHÃO: Uma coisa é importante, né. Primeira coisa, eles falam assim: “Essa lei é boa, mas não vai ser cumprida.” Não interessa. Se tem uma lei, você tem um instrumental, você tem a garantia de que você pode fazer.

ENTREVISTADOR: Uhum.

JAFETE ABRAHÃO: Né. Mesmo que você não consiga. Ai é outro problema, mas você fazer e sem a lei, é muito mais difícil, é muito mais complicado.

ENTREVISTADOR: Claro, claro.

JAFETE ABRAHÃO: A CPI também. Você faz a CPI. Ela foi um belo resultado da CPI e nós abastecemos a CPI lá, acho que eu prestei depoimento para a CPI, não prestei?

ENTREVISTADOR: Prestou com um mês.

JAFETE ABRAHÃO: Hein?

ENTREVISTADOR: Você tinha acabado de entrar, um mês, o senhor foi lá e levou o relatório parcial, né.

JAFETE ABRAHÃO: E depois foi?

ENTREVISTADOR: Do que vocês já tinham levantado. Explicou a situação de que o senhor tinha acabado de chegar, então carecia de informação, né.

JAFETE ABRAHÃO: Mas depois foi documento, muito documento para lá.

ENTREVISTADOR: Levou bastante documento, que a gente tem alguns.

JAFETE ABRAHÃO: Essa, essa...

ENTREVISTADOR: Eu imagino que não é tudo, porque dá para perceber que pelas caixas falta coisas. Que infelizmente se perderam.

JAFETE ABRAHÃO: A coisa também acontece é o seguinte. Você tem, você entra em um órgão, você tem uma estrutura que está montada. Na hora de você juntar documento, por mais gente de cumpra que você tem, o pessoal esconde.

ENTREVISTADOR: Ainda mais naquela época, né.

ENTREVISTADOR: Ainda mais naquela época.

JAFETE ABRAHÃO: Então é essa, essa...

ENTREVISTADOR: Posso te fazer mais uma pergunta lá...

JAFETE ABRAHÃO: Claro, eu estou à disposição de vocês. A minha hora técnica é cara, viu.

ENTREVISTADOR: Só essas duas perguntas.

ENTREVISTADOR: É. Na, nessa conjuntura aí de disputa, da CNA com essa nova concepção da reforma agrária, que vocês tentaram implantar, surgiu a UDR, né. O senhor citou isso lá.

JAFETE ABRAHÃO: Estava em Brasília quando ela foi criada.

ENTREVISTADOR: Então como é, fala um pouquinho para nós sobre isso.

JAFETE ABRAHÃO: Sim. Ela, ela foi em Goiânia... Eles fizeram um encontro nacional em Goiânia, e foi dali que nasceu a UDR. Já tinha havido movimento lá em Iturama, né. Iturama que teve aquele processo lá de desapropriação, de reforma agrária e tal.

ENTREVISTADOR: Na Fazenda Barreiro, né.

JAFETE ABRAHÃO: É, aquilo virou um carnaval. E eu fui representando o ministro lá em Goiânia.

ENTREVISTADOR: Nesse evento?

JAFETE ABRAHÃO: Nesse evento.

ENTREVISTADOR: Onde foi criado a UDR?

JAFETE ABRAHÃO: É, não sabia que ia ser criada.

ENTREVISTADOR: Sim, claro, claro.

JAFETE ABRAHÃO: Vamos lá. E lá tinha, 90% eram grandes fazendeiros. Mas como eles não são bobos, eles levaram também pequenos proprietários.

ENTREVISTADOR: Para legitimar.

JAFETE ABRAHÃO: Porque eles falavam que: “Seu sítio vai ser desapropriado”, “50, hectares?”, “Ah, abriu, vai ser desapropriado.” Então você colocou o pessoal no nível

mais, vamos dizer assim, de menor poder aquisitivo, que tinha uma pequena propriedade, que iam ser desapropriados também.

ENTREVISTADOR: Colocou medo nessas pessoas.

JAFETE ABRAHÃO: Sabe, a imprensa causou um tumulto de tal maneira de que a reforma agrária ia desapropriar todo mundo.

ENTREVISTADOR: Ia tomar as terras.

JAFETE ABRAHÃO: Ia pegar essa merda, desse troços lá de coisa, como é que eu esqueço o nome da cidade? Eles falaram, esse pessoal da reforma agrária vai fazer reforma agrária na principal cidade de...

ENTREVISTADOR: Santa Catarina.

JAFETE ABRAHÃO: Santa Catarina. Tirando Florianópolis, capital de Santa Catarina?

ENTREVISTADOR: É Florianópolis é a capital.

JAFETE ABRAHÃO: Santa Catarina?

ENTREVISTADOR: Uhum.

JAFETE ABRAHÃO: Como é que chama? Joinville, não?

ENTREVISTADOR: Joinville é uma cidade importante.

JAFETE ABRAHÃO: Que é industrial, né.

ENTREVISTADOR: É.

JAFETE ABRAHÃO: Acho que é Joinville.

ENTREVISTADOR: É uma das cidades mais importantes.

JAFETE ABRAHÃO: Eu acho que é Joinville que eu não... E desapropriou uma grande etapa essa merda, mas não ia desapropriar tudo, era só declaração.

ENTREVISTADOR: De interesse de área.

JAFETE ABRAHÃO: De interesse que aquelas áreas iam ser avaliadas e tal. Então eu fui para...

ENTREVISTADOR: Goiânia.

JAFETE ABRAHÃO: Fui para Goiânia. Peguei um (trecho incompreensível), na mesa, convidado. Representante do ministro, subi à mesa e tal. E presidente de confederação nacional, confederação de jornal, aquela tropa e eu sozinho na mesa. Deram-me a palavra. Era para falar sobre o programa nacional de reforma agrária e tal. Eu comecei a falar. Na terceira frase, tinham umas mulheres sentadas na frente assim, tudo fazendeiras. Levantaram e começaram a vaiar. Eu falava uma frase, ai todo mundo foi no embalo. Falava uma frase e vaiava. "Uhh, uhh". Fiz assim, falei: "Vou fazer o seguinte. Eu vim para falar porque vocês pediram. Se vocês não querem me ouvir, eu vou ficar

ouvindo. E levo para o ministro o quê que está acontecendo aqui. Eu agradeço a boa vontade de vocês.” Aí que virou uma festa, né. “Uhh, uhh”. E eu fiquei quieto. E aí começaram aqueles discursos, os mais inflamados. Ronaldo Caiado.

ENTREVISTADOR: Caiado.

ENTREVISTADOR: Era bem jovem ainda naquela época.

JAFETE ABRAHÃO: Era. Pega o microfone e vai lá para frente. E vai falando, o quê que era, o quê que os comunistas do Incra estavam pretendendo fazer. “Desapropriar tudo, entrar não sei daqui, parará, parará” e foi entusiasmando, entusiasmando e falando com aqueles microfones na mão e foi apertando o cabeçote do microfone, quebrou o microfone, aquela parte onde você fala ali, né. Quebrou. Aí ele virou e falou: “Até isso aqui” e a plateia: “Ahhh”. Eu falei: “Onde é que eu fui amarrar o meu cachorro”. O presidente da federação da agricultura de Goiás estava sentado do meu lado. Ele falou assim: “Bobagem, não incomoda com isso não. Eu estou aqui para te defender”, “Obrigado.” Pediu a palavra. E começou o seguinte: “Olha, esse negócio da reforma agrária com esses comunistas lá do Incra é o seguinte, eles começam desapropriando. Vai desapropriar o sítio do fulano, desapropriar o carro do ciclano, desapropriar a casa, e vai entregar para esse pessoal que não sabe de nada, vai tomando tudo. Inclusive, se a gente não tiver cuidado, eles vão desapropriar até os nossos filhos”, né.

ENTREVISTADOR: O que ia te defender?

JAFETE ABRAHÃO: “Vou falar umas palavras aqui para você tranquilizar”.

ENTREVISTADOR: “Desapropriar nossos filhos”.

JAFETE ABRAHÃO: Não tinha mais o que fazer.

ENTREVISTADOR: Mas era sua defesa lá, né.

JAFETE ABRAHÃO: E eu, sabe? Eu não sabia o quê que eu fazia. E todo mundo descendo o cacete. Aí levanta um fazendeirão, um fazendeirão era um pequeno proprietário, grandão. Aponta o dedo para mim e fala assim: “Se chegar esses comunistas do Incra lá no meu sítio, na minha fazendinha, eu vou matar um por um. Se eu não conseguir uma arma para matar, eu e minha família, eu e minha mulher e meus filhos, nós vamos pegar garfo, faca e vamos matar esses comunistas todo lá dentro.” Gente, a plateia... Tinha umas mulheres bonitonas, todas enfeitadas. Levantavam e: “Ahhh”. E eu não tinha a menor ideia do que eu ia fazer. O cara falando, eu falei: “Que hora que vai terminar essa merda dessa reunião aqui?” Eles só gritavam.

ENTREVISTADOR: Será que eu vou sair vivo?

JAFETE ABRAHÃO: Aí levanta o presidente da Federação Mineira, FIEMG.

ENTREVISTADOR: FAEMG.

JAFETE ABRAHÃO: FAEMG.

ENTREVISTADOR: No caso.

JAFETE ABRAHÃO: O cara foi até presidente depois da federação nacional. Eu esqueci o nome dele. Um cara que falava que o Luizinho era um comunista de carteira assinada. Ele levantou, veio até mim, e falou: “Deixa eu te dar um conselho? Esse negócio aqui não vai acabar bem, não. Você, a hora que alguém pedir para falar, o pessoal vai estar envolvido lá nisso, você levanta, tem que despedir de ninguém. Você sai de fininho. O carro está te esperando lá fora. Você vai direto para o aeroporto. Não dorme aqui, não.”

ENTREVISTADOR: Jesus amado.

JAFETE ABRAHÃO: Aí.

ENTREVISTADOR: Então enquanto alguém estava falando, o senhor se retirou...

JAFETE ABRAHÃO: Fui embora.

ENTREVISTADOR: E foi tranquilo?

JAFETE ABRAHÃO: Ninguém deu falta de mim. E eu tirei o time de lá. Convidado, convidado representando um ministro de Estado. Mas se fosse um outro cara qualquer, menor.

ENTREVISTADOR: Não saía vivo de lá.

JAFETE ABRAHÃO: Impressionante o caso. O nível de, olha, era igualzinho hoje esse negócio de petista e o restante da sociedade.

ENTREVISTADOR: Um discurso de ódio.

JAFETE ABRAHÃO: Hora que você fala um negócio, eles saem de pau e o tal dos tais dos coxinhas. Até em família, se você tocar no assunto de política, essa época era a mesma coisa de reforma agrária. Teve outro lá, um negócio interessante.

ENTREVISTADOR: Então a reforma agrária, né, esteve presente tanto na questão da conjuntura do Golpe quanto no fim também, com o fator...

JAFETE ABRAHÃO: A reforma agrária foi uma das, né... O Jango tinha um projeto, eu ia falar aqui no início, de desapropriação, de assentamento no entorno das rodovias. Não tem aqueles... As margens. Ele ia para fazer projeto de assentamento. No que era possível fazer naquele momento, né.

ENTREVISTADOR: Era proibido desapropriação, né.

JAFETE ABRAHÃO: E era área pública que já tinha sido desapropriada para fazer estrada, porque ia dar aproveitamento para fazer os assentamentos, produção, né. No

entorno das rodovias. Acho que não ia dar certo, não, mas era uma demonstração do que eles queriam.

ENTREVISTADOR: Uhum.

JAFETE ABRAHÃO: Mais tarde, o ministro me telefonou, ele falou o seguinte: “Olha, o pessoal”, esse é o pessoal bravo. Muito mais bravo que o nosso trabalhador rural daqui que era lá do sul. que é o chamado, como é que eles chamam, né, sem-terra.

ENTREVISTADOR: O MST.

JAFETE ABRAHÃO: É, do MST. Que nasceu lá naquela região.

ENTREVISTADOR: Lá era mais forte, né.

JAFETE ABRAHÃO: É, e eram tudo pequeno proprietário. O quê que acontecia? O sujeito era, lá tinha muito minifúndio. A família tinha lá uns cinco, dez, 20 hectares que era o mínimo. Nascia filho. Não dava para esse cara...

ENTREVISTADOR: Dividindo, dividindo, ficava sem nada.

JAFETE ABRAHÃO: Eles viraram os tais sem-terra. E tinham um tipo de cultura, escola, não sei o quê, e era um pessoal muito bravo. Eles ocuparam a sede do Incra em Porto Alegre. Aí o ministro falou: “Oh, não, isso é pessoal nosso, você pode ir lá que eles vão fazer um churrasco para você.” E lá fui eu. Vai, entro na sala, um pouco maior do que essa aqui. Tinha assim, umas 200 pessoas. Não tinha jeito nem de mexer lá dentro. E tinha sido depois desse lá de Goiânia. Aí sentei e começamos a conversar e tal. O quê que faz, o quê que não faz. E o pessoal não desocupava e não ia sair o acampamento lá da área e não ia desocupar o prédio e tal. E aquela pressão danada e eles falando que o Incra era improdutivo, que o Incra não ia resolver merda nenhuma. E que não ia, e aquela pressão violenta. E que não adiantava nada pleitear no regional, que a hora que chegava no nacional lá eles não davam nenhum andamento. Aí tem aquelas coisas que te dá um brilho, assim, na cabeça assim, tum. Eu falei, um minutinho. Levantei, fui no telefone e telefonei para o ministro. “Ministro, está a situação assim. Você me falou que era para eu vir aqui, que o pessoal ia fazer um churrasco para mim. Você só não avisou que a carne era eu.” Ele falou: “A situação está ruim?” Eu falei: “Tá muito. E eu estava querendo fazer o seguinte, o senhor concorda, convidar uma comissão dos trabalhadores daqui junto com os técnicos do Incra, a gente bancaria os trabalhadores para ir até Brasília, eles vão levar aí reivindicações e discutir os projetos deles.” O ministro falou: “Ok. Pode trazer.” Então voltei. O pessoal pressionando. E a hora que chegou naquela situação assim de, de rompimento, né. Eu falei: “Deixa eu fazer uma proposta.” Todo mundo olhou para mim.

“Cinco representantes de vocês vão à Brasília, custeado pelo Estado, com mais dois ou três técnico que vocês escolham aqui da reforma, do”...

ENTREVISTADOR: Do Estado.

JAFETE ABRAHÃO: “Do Estado, da delegacia, da diretoria regional do Incra, vocês vão a Brasília, ficam lá o tempo necessário para discutir as demandas e os projetos.” E foi aquele negócio assim...

ENTREVISTADOR: Aquele alívio. Eles não queriam muito, queriam ser ouvidos, né.

JAFETE ABRAHÃO: É. E o interessante dessa história é que tinha um jornalista lá. Como é que chama aquele jornal lá de Porto Alegre, hein? Eu esqueci o nome. Eu lembro do avião no outro dia para vir embora.

ENTREVISTADOR: Tinha o Zero Hora, né.

JAFETE ABRAHÃO: Zero Hora.

ENTREVISTADOR: Zero Hora.

JAFETE ABRAHÃO: Entro no avião. Estou lá sentado e tal, levanta um cara. Não conhecia. Chegou até mim. Pegou o jornal e abriu: “O senhor é esse aqui?” Falei: “É, sou eu”, “Poxa vida, o senhor é importante, hein? Olha o elogio do senhor aqui.” Aí o cara relata a reunião, a pressão que ali existia, e que em um passe de mágica eu tiro do bolso do paletó, é uma expressão que usa, bolso de paletó. Você tira uma...

ENTREVISTADOR: Uma solução.

JAFETE ABRAHÃO: Uma proposta que é imediatamente aceita. Todo mundo e tal.

ENTREVISTADOR: Uhum.

JAFETE ABRAHÃO: E eu acho que esse pessoal foi comigo, ou não? Não, não foi, não. Eles foram depois. Eles tinha que preparar e tal. E o cara falou: “O senhor leva esse jornal, porque o senhor deve guardar isso, porque ele estava... Eu acho que o senhor pagou isso. Acho que o senhor pagou isso para fazer, contar essa história tão favorável para o senhor.” Eu tenho, eu acho que eu tenho isso lá hoje. Mas, mas a gente dá um tratamento, não quer dizer que era discriminatório. A gente até foi nesse negócio lá dos fazendeiros. Como fui também lá no, lá em Porto Alegre. Fui também em Uberlândia, discutir o plano nacional de reforma agrária, o prefeito lá era o Zaire. Não me deixaram falar lá também, que aquilo é um, o pessoal é...

ENTREVISTADOR: Ali também é um antro, né.

JAFETE ABRAHÃO: Muito um antro de reação ali. Não me deixaram falar também. E nem adiantava eu falar, que era conterrâneo.

ENTREVISTADOR: Não adiantava, não.

JAFETE ABRAHÃO: Não adiantou nada. Eu fui frio. São Paulo. Fui no negócio interessante que voltou à baila agora, Alcântara.

ENTREVISTADOR: Uhum.

JAFETE ABRAHÃO: Alcântara tinha um projeto dos militares de pegar os seringueiros, fazer a desocupação da área, que ia montar uma base de foguetes, não sei o quê e parará.

ENTREVISTADOR: A base de Alcântara?

JAFETE ABRAHÃO: É. E eles precisavam de não sei quantos hectares e tal. Então eles queriam, para não criar conflito, tirariam os posseiros, os seringueiros, eles mudariam de profissão. Eles pegaram pequenas áreas, 500 metros, 200 metros, fazer uma casa e o cara produzir horticultura para abastecer a base. E aquilo virou um negócio.

ENTREVISTADOR: As ideias, né.

JAFETE ABRAHÃO: Quem que vai para lá? JAFETE ABRAHÃO. Vai lá discutir com os milicos e com os representantes, e eu já fui falando: “Olha, não tem jeito”, com os militares, “não há a menor possibilidade. Você está fazendo... O Incra é de reforma agrária. Vocês estão querendo é concentração agrária, não é reforma agrária.” Deixa eu ir no banheiro...

ENTREVISTADOR: Tudo bem. Vou pausar aqui.

JAFETE ABRAHÃO: Minha mulher, a hora que eu falei em jetom, ela: “Ah, não, pode ficar”.

ENTREVISTADOR: O que ela não sabe...

JAFETE ABRAHÃO: É, a primeira pergunta foi?

ENTREVISTADOR: A questão do Incra.

JAFETE ABRAHÃO: Essa questão do Incra, o que você tem que entender é o seguinte, durante, no período do Golpe, essas instituições todas foram montadas dentro da concepção de que foi dado o Golpe, né. Nada de reforma agrária, porque se você lembrar bem o que que motivava o Golpe, né, era a implementação do regime comunista, era fazer reforma agrária, desapropriar, acabar com a propriedade privada. Isso foi a grande modificação, o comunismo, saía aquele pessoal todo rezando aí. A marcha com Deus pela...

ENTREVISTADOR: Da família com Deus pela...

JAFETE ABRAHÃO: Pela família, não sei o quê, pela propriedade, né, essa concepção toda foi passada pelas instituições que tinham do governo. O Incra, por exemplo, nacional ficou voltado única e exclusivamente para seus projetos de colonização lá no Norte do

país. Era isso que era acabar com a... Eles achavam que tinha uma pressão grande dos movimentos sociais, dos trabalhadores sem-terra, dos trabalhadores de agricultura, tarará, tarará, e que a concepção deles é que tinha que acabar com essa pressão de movimentos populares. O quê que acabaria com isso? Era montar grandes projetos de colonização no Norte do país.

ENTREVISTADOR: E levar esse povo todo para lá.

JAFETE ABRAHÃO: É, a ideia era... Não tem jeito de fazer reforma agrária no Sul. Não há possibilidade de fazer reforma agrária no Sul. Tem muita gente e pouca terra. Já tinha falado isso aqui antes. No Norte não, você tem muita terra e não tem gente, então vamos levar esse pessoal para lá com grandes projetos. E eu não sei se algum projeto, grande projeto deu certo, né. A iniciativa privada tentou, inclusive motivada pelo Incra, entrar nessa área de colonização. Eu me lembro da Andrade Gutierrez, era uma empresa que entrou nessa área de implementação de projetos de colonização. E foi visitando uma dessas fazendas que estava em crise, o quê que aconteceu? O projeto não avançou. Na Ditadura não deu tempo de fazer. Veio a abertura, né, e os colonos, os posseiros invadiram, os sem-terra invadiram, ou foram até mobilizados pelos grandes proprietários que invadissem essas terras, porque seria uma maneira de força o governo a desapropriá-las, e um projeto que não tinha dado certo, eles poderiam reverter em grandes lucros vendendo essas áreas para o Governo através da desapropriação. Então essas ocupações foram inclusive induzidas por esses grandes proprietários. Então a formação... A formação cultural dessas instituições, tanto regionalmente como nacionalmente, ela era voltada para os grandes fazendeiros, né. O Adson sai daqui, vai para o Geisel, no Governo do Geisel. Ele vai para Brasília e lança esses grandes projetos, grandes programas de modernização da agricultura, que o pessoal chamava de modernização conservadora, ou seja, você moderniza a produção agrícola, mas não moderniza a questão da estrutura fundiária. Mantém as grandes propriedades, você mantém...

ENTREVISTADOR: Legítima elas.

JAFETE ABRAHÃO: É, legítima, dá todo o apoio para que isso ocorra, né. Ih, pegou em você?

ENTREVISTADOR NÃO IDENTIFICADA: Tem problema não.

JAFETE ABRAHÃO: Tem água ali, ó.

ENTREVISTADOR: Então essas órgãos, Incra e Ruralminas acabaram legitimando isso.

JAFETE ABRAHÃO: Dentro da cultura vigente à época.

ENTREVISTADOR: Uhum.

JAFETE ABRAHÃO: Eles faziam tudo era isso. Quando o pessoal do Incra começou a moldar a cultura com o trabalho, o pessoal de Brasília, aqui, né, a gente conseguiu descobrir no Incra pessoas com posições políticas avançadas, aqui no Incra a gente teve várias pessoas que passaram a ser importantes para quem estava chegando. Porque já tinham movimentos dentro desses órgãos. Que era minoria, né, mas eu disse que o movimento e uma concepção de reforma agrária, essas coisas todas.

ENTREVISTADOR: E isso também só foi possível depois do Governo Sarney?

JAFETE ABRAHÃO: Sim. Na hora que introduziu, entrou o novo governo, eleito indiretamente, mas democrático, esse pessoal começou a aparecer. Uns apareceram porque tinha culturalmente e outros por oportunismo, né, mudou a regra do jogo, ele adere, né,

ENTREVISTADOR: Então quer dizer, essas empresa que iam a campo, muitas vezes elas, também entre elas tinha a diferença de concepção, de visão?

JAFETE ABRAHÃO: Tinha. O movimento, mas a maioria, né, e tinham os diretores também que faziam parte dessa concepção. E na hora de selecionar as empresa e tal, era o fazendeiro que tinha algum problema, não sei o quê, produtividade... Porque tinha o Incra, tinha um sistema que a gente adotava que era a questão dos índices de produtividade. O cara prometer determinadas coisas, ele tinha que ter determinados índices de produtividade. Tanto é que o Incra dava prêmio para eles fazer, eu tenho lá umas três, quatro medalhas, que eu ganhei lá em Brasília... Não, uma só, ganhei lá em Brasília interessante. Mas esse pessoal do Incra era voltado para isso. Começamos a enfrentar resistência. Conto uma história de Brasília. O cara, nós negamos qualquer coisa para ele lá. Ele foi à Brasília, pediu uma reunião com o ministro. Dois casos. Um, não, não lembro o quê que era, não pode ser pedido, tal. "Mas eu tenho essa medalha aqui que eu sou um..." Ah, nós estávamos declarando que a área dele era improdutivo.

ENTREVISTADOR: Improdutivo.

JAFETE ABRAHÃO: É, ele falou: "Mas eu tenho isso aqui que eu ganhei uma medalha e tal", "O senhor vai nos desculpar, mas pelo levantamento feito agora, o senhor não tem essa produtividade." Aí o cara pegou a medalha e falou: "Vocês querem saber de uma coisa?" Jogou a medalha na mesa e falou assim: "Vocês enfiam essa medalha no..." Na frente do ministro, do presidente do Incra. Jogou a medalha, falou: "Ó, você pega essa medalha e enfia no..." e foi embora. Um outro, aconteceu a mesma coisa ele falou assim:

“Se vocês desapropriarem a minha terra, vocês não vão conseguir. Se conseguirem, eu ando pelado na Praça dos Três Poderes para demonstrar para vocês que vocês não tem esse poder que vocês estão achando que tem.” Passado uns dois meses e tal, o telefone vermelho do ministro toca, ele atende. “Ah, sim presidente, ah, sim. Muito obrigado, hein. Isso é muito importante.” Desligou e falou, reunião do conselho diretor, “A fazenda do fulano foi desapropriada”, Aí todo mundo: “Ah, que bom e tal.” Eu levantei a mão: “Ministro, o quê que o senhor acha da gente cobrar do fazendeiro cumprir a promessa dele?” O ministro... Mas foi um momento assim, de relaxamento, ele falou: “Telefona você para ele.”

ENTREVISTADOR: E o Antônio Luciano?

JAFETE ABRAHÃO: Doutor Antônio Luciano. Antônio Luciano, ele era o grande proprietário, tinha três grandes proprietários de terra em Belo Horizonte. Dois... A Comiteco, ele e o Banco da Lavoura. Eram os grandes proprietários de terra em Belo Horizonte. O Luciano era um sujeito extremamente inteligente, 1,60 de altura, médico e tudo que se falava dele era verdade. Aquela quantidade de filho.

ENTREVISTADOR: De mulher.

JAFETE ABRAHÃO: Cruzamento de mulher e tinha filho com filha, tinha essa coisa. Ele foi, ele foi desapropriado nos anos... Setenta e pouco pelo Alisson Paulinelli, quando ministro da agricultura. Eles desapropriaram a área do Padapi. Esse aí do...

ENTREVISTADOR: Alto Paranaíba.

JAFETE ABRAHÃO: Do Alto Paranaíba. Desapropriou 78 mil hectares dele. Ele entrou na justiça, tentando falar que aquilo era empresa agrícola e como tal tinha que ser paga em dinheiro e pelo valor atualizado. Isso ficou na justiça e foi, foi, foi... Ele conseguiu vencer algumas aqui no Estado e isso foi parar, porque a União foi obrigada a recorrer, isso está no Supremo Tribunal Federal para ser discutido.

ENTREVISTADOR: Até hoje?

JAFETE ABRAHÃO: Até hoje. E esse troço não decide, porque se decidir, o valor é tão grande que quebra o país. Porque são 78 mil hectares, quando na época não tinha nada lá, era cerrado, terra muito ruim. Ele ganha na justiça, é empresa agrícola, é o preço atual. Entendeu? As estradas, os benefícios, tudo que foi feito naquela região, acrescenta e vai para o valor da terra, então tem que receber pelo valor atual. Isso simplesmente acabaria com, daria um rombo. Ele, ele era tão potente, tão firme, tão forte que lá na região do São Francisco, ele desviou, ele desviou um rio.

ENTREVISTADOR: Rio Uruçuia.

JAFETE ABRAHÃO: Hein?

ENTREVISTADOR: Urucuia.

JAFETE ABRAHÃO: Ele desviou o Rio Urucuia para aumentar...

ENTREVISTADOR: A fazenda dele.

JAFETE ABRAHÃO: A fazenda dele. Ele tinha por hábito visitar, não, ele tinha dois caras que visitava Minas Gerais todos os municípios. O cara ia no cartório. Pegava informação e tal. Então no interior tem muito caso de cara que não ter herdeiro, doa para a Santa a terra.

ENTREVISTADOR: Doa para a Santa?

JAFETE ABRAHÃO: É, a expressa popular e tal. Como não tem o santo que vai tomar conta, né, ou entrega para o padre, o padre também não toma nenhuma providência. Ele faz esse levantamento. Ele vai no cartório, busca, tem essa terra, tem as histórias e tal. Cara faz o levantamento, ele faz o processo, fazia um processo de ocupação, utilizava, em alguns momentos, da Ruralminas.

ENTREVISTADOR: Fazia um favor.

JAFETE ABRAHÃO: Para legitimar aquela terra em nome dele. Ia pegando essas terras que não tinham dono, passavam a ser dele. Então ele tinha, ele tinha, em Minas Gerais, dezenas de dezenas de propriedade...

ENTREVISTADOR: Grilada.

JAFETE ABRAHÃO: É, porque os caras morriam, não tinha descendente, eram marido e mulher. Morria o marido, morria a mulher, virava o Santo. E ele assumia isso através de levantamento desse pessoal. Especialistas em questão fundiária e questão de direito cartorial.

ENTREVISTADOR: E aí, com esse documento, ele ia, chegava lá e expulsava os moradores?

JAFETE ABRAHÃO: Quem tinha lá, ele conseguia expulsar. Os posseiros. Ele era um leão, viu?

ENTREVISTADOR: Podia ir para a Serra dos Ausentes também.

JAFETE ABRAHÃO: Ausentes que chama?

ENTREVISTADOR: É Terra de Ausente e Terra da Santa é a mesma coisa.

ENTREVISTADOR: Mesma coisa?

ENTREVISTADOR: Mesma coisa.

ENTREVISTADOR: Expressão.

JAFETE ABRAHÃO: Então ele construiu a fortuna dele lá assim. Aqui em Belo Horizonte, com os lotes, ele foi a senhoria dessas áreas todas que não tinham limites. Que Belo Horizonte, na escritura, na desapropriação que o Estado fez de Belo Horizonte, era para ter 300 mil habitantes e tal e ele inteligentemente foi se assenhorando dessas áreas que não tinha...

ENTREVISTADOR: Dono.

JAFETE ABRAHÃO: Dono, né, e o quê que ele fazia? Ele pegava a terra, cercava, plantava eucalipto.

ENTREVISTADOR: Aqui também?

JAFETE ABRAHÃO: É, plantava eucalipto, você vê que tem muito eucalipto. Hoje não tem mais. Muito eucalipto em Belo Horizonte, e fazia um campo de futebol e entregava para uma associação dos moradores no torno da propriedade. Então não tinha polícia, não tinha nada melhor para tomar conta do que os caras que tinham um campo e futebol, e para mostrar que ele era proprietário, não era uma área improdutiva, ele tinha lá um lote, tinha lá os eucaliptos plantados. Ele, eu o conheci pessoalmente, ele, através de um funcionário da Ruralminas... Não, através de um funcionário da Ruralminas que me telefonou que o Antônio Luciano queria uma entrevista comigo, se eu poderia recebê-lo. “Claro, recebo.” Recebia todo mundo. Botava o Antônio Lins junto comigo. Ele me fez uma proposta assim, fomos, conversamos. Com a minha habilidade, ele foi embora. Telefonou de novo, pediu uma nova entrevista, eu concedi. Ele foi lá. E me fez uma proposta sobre essa gleba desapropriada. Ele fez a seguinte proposta para mim. “Doutor, o senhor sabe”, ele, no escritório dele em Belo Horizonte, Cine Brasil...

ENTREVISTADOR: Que era ali, né,

JAFETE ABRAHÃO: É, uma parede grande assim. Ele botou uma fotografia do Alisson Paulinelli.

ENTREVISTADOR: O ideólogo dele.

JAFETE ABRAHÃO: Ideólogo não, ele tinha ódio, que tinha desapropriado ele.

ENTREVISTADOR: Era o que desapropriou. Aí ele botou a cara dele lá para poder alimentar o ódio dele.

JAFETE ABRAHÃO: Manter o ódio dele.

ENTREVISTADOR: Alimentar o ódio.

JAFETE ABRAHÃO: Ele só ficaria satisfeito o dia que ele conseguisse matar o Alisson ou ele morresse de morte sei lá o quê? Ele tinha ódio do homem.

ENTREVISTADOR: Primeira pessoa.

JAFETE ABRAHÃO: 78 mil metros, 78 mil hectares.

ENTREVISTADOR: Pegou uma área gigante.

ENTREVISTADOR: O senhor viu essa parede.

JAFETE ABRAHÃO: É, ele me procurou. Falou: “Olha, o senhor sabe que eu tenho esse processo e tal.” Contou história da, do ódio que ele tinha com o Alisson. Falou: “Olha, isso está, eu sei que isso está na justiça, mas eu queria fazer uma proposta para o senhor, para o senhor levar para o ministro. Vocês estão resolvendo as pendências. O senhor vai fazer a seguinte proposta. Eu dou 10% de desconto no valor da...”

ENTREVISTADOR: Do imóvel.

JAFETE ABRAHÃO: “Da avaliação.” Boa tarde. Alguém quer café ou água? Tem leitão também assado.

ENTREVISTADOR: Tem? Aí muda tudo. Não, obrigada.

JAFETE ABRAHÃO: Você podia trazer mais água para mim. Alguém quer?

ENTREVISTADOR: Não, eu estou satisfeita.

JAFETE ABRAHÃO: Aí, o bom da história. “Eu dou 10% e 5% eu dou para o senhor, particularmente.” Eu falei: “O senhor quer que eu leve a proposta para o ministro?”, “Sim”, “Eu vou levar uma proposta para o senhor, o senhor tem interesse em fazer uma negociação, um acordo com 15% de desconto?” Falou: “Não, senhor. Com 10% de desconto.” Eu falei: “O senhor falou mais 5”, ele falou: “Não, mas 5 é para o senhor.”

ENTREVISTADOR: À parte?

JAFETE ABRAHÃO: À parte.

ENTREVISTADOR: Não pode aparecer.

JAFETE ABRAHÃO: Para o senhor, isso não pode ir para lá, isso não vai lá. Então está bom.

ENTREVISTADOR: Os 90 que ele ia receber. 85% ficava com ele, 5%...

JAFETE ABRAHÃO: É, ele recebia 85 e me dava, recebia 90 e me pagava os 05. Obrigado.

ENTREVISTADOR: Alguém aceita água aí?

ENTREVISTADOR: Não, obrigada.

JAFETE ABRAHÃO: Eu falei para ele: “Olha, isso não tem a menor possibilidade, isso já não está, não depende mais do Poder Executivo. Isso tá na justiça, é decisão da justiça. O Poder Executivo já não pode fazer mais acordo. Na justiça o processo”, “Não, mas você consegue.” Pediu outra audiência, foi lá e aumentou para 30%.

ENTREVISTADOR: Olha.

JAFETE ABRAHÃO: 20 para a União e 10 para mim. Isso tudo com testemunha, hein? Nilson participava dessas reuniões. Até que ele desistiu, eu falei que não tinha jeito, eu não... Que eu agradecia. Ainda falei com ele assim, ministro: “Oh, Doutor Antônio, o salário do Governo Federal aqui no Incra é tão bom, mas tão bom que eu não tenho a menor necessidade de qualquer outra coisa. É um baita”, um cara velho, ele estava com uns 80, 81 anos, 82 anos nessa época. Eu não ia botar o cara para fora da sala, achar que aquilo era um, não, né, tenho uma testemunha e tal. “Não tem jeito, o senhor vai me desculpar, o senhor pode chegar a qualquer valor.” Aí ele desistiu e foi embora. Mas foi, é uma figura interessante.

ENTREVISTADOR: O senhor acha que na época do assassinato do Elói...

JAFETE ABRAHÃO: Ele tenha tido participação?

ENTREVISTADOR: É. O senhor acha, por essa história dele na região?

JAFETE ABRAHÃO: Não sei, não sei. Eu não conheço essa parte dele.

ENTREVISTADOR: O que o senhor teve contato com ele foi isso, né?

JAFETE ABRAHÃO: Foi, a única vez que eu o recebi, duas vezes.

ENTREVISTADOR: A gente localizou uma pasta do Incra só sobre ele.

JAFETE ABRAHÃO: Sobre o quê, hein, que tem na pasta?

ENTREVISTADOR: Ainda não analisamos. É só processo de terra.

JAFETE ABRAHÃO: Deve ser processo de legitimação.

ENTREVISTADOR: É só processo.

JAFETE ABRAHÃO: Sabe? De arrecadação de compra de terras públicas.

ENTREVISTADOR: É só processo.

JAFETE ABRAHÃO: É, vou te falar a verdade, essa, essa face dele de mandar matar, eu não sei. Eu não falo nem sim, nem não. Mas eu não... Olha, eu não percebi assim, sabe? As pessoas conseguem esconder, né.

ENTREVISTADOR: É, na verdade a relação...

JAFETE ABRAHÃO: Não tenho nada a acrescentar assim, eu não sei. Uma outra coisa que tem é que ele tentou, quando da, lá, assumir terras que tinham sido desapropriadas, que não tinham sido utilizadas, né, e que tinha que ser, a União tinha que dar um jeito de utilizar essas terras.

ENTREVISTADOR: Uhum.

JAFETE ABRAHÃO: Como a União não deu, eu nem sabia que existia isso. Um belo dia, um cara me telefona de lá, dizendo que o Antônio Luciano tinha derrubado uma cerca com trator e que estava fazendo plantio lá.

ENTREVISTADOR: No Norte de Minas?

JAFETE ABRAHÃO: Hein? Não, aqui no Padapi.

ENTREVISTADOR: Ah, tá.

JAFETE ABRAHÃO: Mande avisar. Mande o Edgar Amorim. Edgarzinho ir lá. Acertou, foi na delegacia, mandou prender o trator. Aí ele me ligou. Fez outra ligação, porque que ele tinha perdido um trator. Eu falei: “O senhor está invadindo terra pública”, “Não, aquela terra é minha.” Falei: “Não, Doutor Antônio, conheço a sua história, não é. Aquilo está em nome da União, tem escritura daquilo, o senhor não pode fazer desse jeito.” Tentou mais uma vez ou duas vezes. Edgarzinho ficou lá até resolver o problema, na hora que cessou isso, nós devolvemos o trator para ele, não prendemos o tratorista, porque tinha decidido. E nem tomamos nenhuma providência contra ele, porque cessou a parte de invasão. Só isso que eu sei dele. E essa história, tinha um advogado que era meu amigo, é meu amigo ainda. Um dia eu encontrei com ele, ele estava com um pacote de papéis, que eram relação dos lotes que ele tinha em Belo Horizonte, das propriedades que ele tinha. Ele era advogado e nessa área. E ele era o encarregado de pagar o IPTU. Aí me mostrou e falou: “Olha, isso aqui é tudo raio”, foi passando as páginas, cada página lá tinha três, quatro lotes de inscrição, lote e o valor do IPTU. Era assim, um negócio assim...

ENTREVISTADOR: Ele era voraz, né.

JAFETE ABRAHÃO: É.

ENTREVISTADOR: Por terra. Nossa senhora.

ENTREVISTADOR: Tudo bem, mais alguma consideração, Jafete, sobre algo?

JAFETE ABRAHÃO: Eu estou frustrado, que eu acho que eu não...

ENTREVISTADOR: Ajudou bastante. Com certeza. O depoimento é muito importante.

JAFETE ABRAHÃO: Eu sinto não ter, que eu fiz o máximo de esforço...

ENTREVISTADOR: Muito importante mesmo.

JAFETE ABRAHÃO: Porque está muito antiga as coisas. Eu não lembro o nome mais do pessoal.

ENTREVISTADOR: Nossa, foi ótimo, excelente.

JAFETE ABRAHÃO: Lembrei do Moacir aí e tal. Lembrei do Fachin, lembrei do...

ENTREVISTADOR: E nós podemos utilizar o depoimento no relatório para identificar (trecho incompreensível)?

JAFETE ABRAHÃO: Como é que é? Fala de novo.

ENTREVISTADOR: Nós podemos utilizar o depoimento para fins de pesquisa no relatório da identificação de nomes, se for preciso?



JAFETE ABRAHÃO: Não entendi. Fala de novo. Eu vou autorizar, mas só não entendi o quê que é.

ENTREVISTADOR: Esta gravação.

JAFETE ABRAHÃO: Ah, essa aqui.

ENTREVISTADOR: E as informações, né.

JAFETE ABRAHÃO: Ah, se pode utilizar? Pode.

ENTREVISTADOR: Se eu posso utilizar.

ENTREVISTADOR: No relatório da Comissão da Verdade.

JAFETE ABRAHÃO: Pode, se tiver alguma coisa de proveito.

ENTREVISTADOR: Eu tenho certeza que tem. Muito sim, muito obrigada. Encerrado.